

CADERNOS MUSEU DA VIDA

2

O PÚBLICO ESCOLAR DO MUSEU DA VIDA
Origem Geográfica das Escolas Visitantes
(1999-2008)



José Sergio Damico
Sonia Maria Figueira Mano
Luciana Sapúlveda Köptcke

**O PÚBLICO ESCOLAR DO MUSEU DA VIDA:
Origem Geográfica das Escolas Visitantes (1999-2008)**

Cadernos Museu da Vida | Nº 2
1ª Edição

Rio de Janeiro
Fundação Oswaldo Cruz - Casa de Oswaldo Cruz
Museu da Vida
2009

CADERNOS MUSEU DA VIDA

O PÚBLICO ESCOLAR DO MUSEU DA VIDA: Origem geográfica das escolas visitantes (1999-2008)

Nº 2 | 2009

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente: Paulo Ernani Gadelha Vieira

CASA DE OSWALDO CRUZ

Diretora: Nara Azevedo

DEPARTAMENTO MUSEU DA VIDA

Chefe do Departamento: Luisa Massarani

NÚCLEO DE ESTUDOS DE PÚBLICO E AVALIAÇÃO EM MUSEUS – NEPAM

Chefe do Núcleo: Sonia Mano

CATALOGAÇÃO NA FONTE: BIBLIOTECA DO MUSEU DA VIDA

D158e Damico, José Sergio.

O público escolar do Museu da Vida: origem geográfica das escolas visitantes (1999-2008). / José Sergio Damico, Sonia Maria Figueira Mano e Luciana Sepúlveda Köptcke. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida, 2009. (Cadernos Museu da Vida; 2). 48p.

Bibliografia: p. 47.

ISBN 978-85-85239-58-9

1. Museus. 2. Avaliação. 3. Indicadores quantitativos. 4. Estatística. I. Museu da Vida. Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus – NEPAM. II. Mano, Sonia. IV. Köptcke, Luciana Sepúlveda. IV. Título. V. Série.

CDD - 069.0981

PROJETO GRÁFICO

Mariana Oscar

Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica – Museu da Vida

CONSULTORIA EM MÉTODOS QUANTITATIVOS

Moema Guedes

REVISÃO DO TEXTO

Armando Olivetti

EQUIPE DE DEPURAÇÃO DA BASE DE DADOS

Ingrid Silva de Lima

Joyce Frade do Amaral

Quezia Cavalcante

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Marcelo Santo

Edson Correia Wanderley

Maria Paula de Oliveira Bonatto

Maurício Carlos Batista Figueiredo

AGRADECIMENTOS

Equipe do Centro de Recepção do Museu da Vida

Contatos pelo e-mail: nepam@coc.fiocruz.br



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Casa de Oswaldo Cruz

 **Museu da Vida**

SUMÁRIO

CARTA DOS AUTORES	05
INTRODUÇÃO	07
METODOLOGIA	08
Visitas escolares versus escolas visitantes	08
A Relação Escolas Visitantes / Total de Escolas Existentes (RVE)	08
Fonte de dados	08
Nomenclatura adotada para as regiões geográficas	10
PARTE I – VISITAS ESCOLARES AO MUSEU DA VIDA DE 1999 A 2008	11
PARTE II – VISITAS ESCOLARES AO MUSEU DA VIDA SEGUNDO AS REGIÕES (1999 A 2008)	13
A visitação ao Museu da Vida comparada às práticas culturais da população	16
PARTE III – COMO AS REGIÕES CONTRIBUÍRAM PARA O VOLUME DE VISITAS ESCOLARES AO MUSEU DA VIDA?	20
SEÇÃO A – Todos os tipos de escolas, no período de 1999 a 2008	20
Zona Centro	20
Zona Sul	21
Zona Norte	22
Zona Oeste	23
Grande Rio – Baixada Fluminense	27
Grande Rio – Outros municípios	28
Municípios do interior do estado do Rio de Janeiro	29
Outros estados	30
SEÇÃO B – Somente escolas públicas do município do Rio de Janeiro, de 1999 a 2008	31
Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Centro	31
Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Sul	31
Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Norte	32
Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Oeste	33
PARTE IV – REVISITAS: DE ONDE VIERAM AS ESCOLAS QUE MAIS RETORNARAM AO MUSEU DA VIDA	34
Escolas públicas municipais	34
Escolas públicas estaduais	35
Escolas particulares	36
O reverso da medalha: escolas da vizinhança que menos visitaram o Museu da Vida	37
Vizinhança: dez anos de convivência	38
As campeãs de visitação	39
PARTE V – A RELAÇÃO ESCOLAS VISITANTES / TOTAL DE ESCOLAS	40
FINALIZANDO	45
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	47

Cartas dos Autores

A história do Museu da Vida pode ser contada de diferentes pontos de vista, o que se constata a partir de artigos publicados e trabalhos acadêmicos já produzidos. Os recortes e as análises dos fatos mostram nuances interessantes pela observação dos campos político, tecnológico, pedagógico, gerencial e estratégico.

Alguns temas revelam curiosas relações – ou não-relações – se contrapostos o momento presente com o passado mais remoto, quando o Espaço Museu da Vida só podia ser compreendido como uma ideia em gestação.

Os materiais disponíveis, resultantes das transcrições de seminários, palestras e reuniões de trabalho realizados em meados da década de 1990, registram uma interessante viagem no tempo. Nesses textos se pode observar como os atores envolvidos diretamente com o projeto identificaram as situações, propuseram respostas e elaboraram a engenharia que resultou na realidade do Museu da Vida.

Uma análise desses documentos e também do *Livro Azul* (1994)¹ ajudou a formatar o conteúdo deste segundo número dos “Cadernos Museu da Vida”. A questão central desta pesquisa foi saber de onde vieram – geograficamente falando – os visitantes escolares do Museu da Vida. Será que após dez anos de funcionamento, o Museu da Vida se aproximou daquilo que era seu propósito inicial, em termos de atratividade de público escolar? Mas, quais eram essas expectativas?

As buscas nas fontes disponíveis para delinear tais pretensões permitiram compreender as referências que balizavam os planos e as táticas de implementação. Foi possível observar, nos documentos, quais são os termos mais utilizados quando se abordam os assuntos relacionados com os públicos-alvo: Estado (enquanto país), sociedade, grande público, público leigo e público escolar e jovem, além de referências a contextos amplos, como o papel social da propagação e da difusão da ciência e a necessidade de intercâmbio que favoreça a reflexão, o debate e a compreensão da tecnologia no cotidiano do cidadão.

Essas abordagens definem um caráter geral e difuso do público a ser conquistado pelo Museu da Vida: enxergava-se a sociedade em geral como público visitante, embora as escolas tenham sido particularmente referenciadas nos momentos em que se planejava o aprofundamento dos temas específicos em oficinas e atividades.

Analisando os dez primeiros anos de existência do Museu da Vida, entendemos como natural que durante a fase de idealização de uma proposta tão ampla e, logo em seguida, durante a realização do projeto, tenha-se optado por perspectivas igualmente amplas com relação ao público-alvo: a própria sociedade, representada pela população da cidade do Rio de Janeiro, algumas vezes citada nos discursos transcritos. O *Livro Azul* define esse público e destaca a importância da Ciência e da Tecnologia para o desenvolvimento econômico e social como eixo norteador do Museu (p.7), uma vez que considera o acesso a essas informações um direito de cidadania (p.30).

Na apresentação do 1º Seminário do Museu da Vida (1996), Gilson Antunes, coordenador executivo do projeto de implantação do Museu, enfatizou essa definição de público, porém acrescentou que o projeto teria como prioridade o público escolar, com projeção de “ser um centro de referência nacional, mas, ao mesmo tempo, possuir fortes vínculos com a cidade do Rio de Janeiro”. Esses fortes vínculos reforçavam o ideal de oferecer à cidade um aparelhamento cultural-educacional-científico inovador e, também, grandioso. Previam-se, para atendimento direto, nos dois primeiros anos, 150 mil usuários/ano. Desse total, estimava-se que “oitenta mil serão estudantes e professores de primeiro e segundo graus ... predominantemente através do Programa de Visitação Escolar” (*Livro Azul*, p.32).²

A questão geográfica foi, por algumas vezes, objeto das discussões durante as palestras que apresentavam o Museu às Unidades da Fiocruz, como no 1º Seminário. Nesse evento, em quatro oportunidades a questão transpareceu, com enfoques diversos, como se observa nos trechos dos discursos extraídos da transcrição (*Seminário*, 1996):

¹ O *Livro Azul* foi o documento de referência do projeto de criação do Espaço Museu da Vida, apresentado e contemplado em primeiro lugar no edital do II Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT). Esse edital foi aberto em 1993, em iniciativa conjunta do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Secretaria de Tecnologia Industrial (STI) do Ministério da Indústria e Comércio. O concurso visava à “instalação de três museus de ciência e tecnologia, que se tornassem referências nacionais, buscando a criação e reprodução da área de educação em ciência no país” (DAMICO, 2004).

² Naquela época falava-se genericamente de um “Programa de Visitação Escolar”, que nunca existiu com esse nome. Atualmente as visitas escolares fazem parte do conjunto de “visitas agendadas”, isto é, aquelas que necessitam de marcação prévia para que possam usufruir das oficinas, minicursos e atividades de aprofundamento dos temas.

- Do ponto de vista de valorização desse ponto da cidade [Manguinhos] eu acho que [o Museu da Vida] é uma coisa muito interessante. (Nara Azevedo)
- Em conversas, alguns de nossos pesquisadores disseram: “Mas a Fiocruz é muito longe!”. Longe do quê? Longe de onde mora um grupo significativo de pesquisadores. Há um problema que não é o de ser ‘longe’, mas um espaço extremamente desumano, se pensarmos a Avenida Brasil e o entorno, a questão das favelas. Então eu acho que isso que está sendo colocado como problema tem outro lado, que é a própria ligação com as comunidades locais, com as escolas. É uma dimensão muito positiva na relação com a cidade, que deveria ser pensada. (Nísia Trindade Lima)
- Eu não entendo que o projeto irá enriquecer uma região, que é a Zona Norte do Rio de Janeiro, assim como as ‘zonas-norte’ das áreas metropolitanas – ‘zona norte’ entendido como o lado que fica meio desassistido. (Beth Fleury)
- Qual o papel da escola, da figura do professor para que a gente possa, de fato, atrair a população enorme que a cidade tem, que não é a população nem da Zona Sul ou talvez da Barra da Tijuca? Como é que a gente problematizaria essas questões e avançaria no sentido de aperfeiçoar a interface do Museu com a atividade escolar e as escolas, principalmente as escolas públicas do município e do estado? (Tânia – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Sinval Faria)

Em duas oportunidades,³ Paulo Gadelha manifestou a visão de futuro predominante para o Museu da Vida. Esse pensamento é sintetizado assim:

Milhares de pessoas a visitar o Castelo. Mas teremos capacidade política, gerencial, econômica, viária, de deslocamento, de todos os sentidos? ... Quanto mais público melhor, [mas] eu quero coisas muito dirigidas, muito organizadas...
(Reunião, 1995)

[Este é] um museu que participa da construção e identidade e legitimidade institucional e é, ao mesmo tempo, um museu cosmopolita ... Um museu que é da cidade ... um museu que se destina ao grande público e [que] tem de lidar com as dimensões básicas do conhecimento científico que é apresentado às escolas.
(Seminário, 1996)

Estas reflexões estão mais vivas – e necessárias – no momento em que o Museu da Vida completa seus primeiros dez anos de atividade. As várias análises propostas diante da comemoração deste marco na sua história trouxeram conhecimentos e visões novas, que estão ajudando a compreender o processo de desenvolvimento do Museu da Vida.

Neste segundo exemplar dos “Cadernos Museu da Vida” enfocamos a participação escolar e a origem geográfica das escolas visitantes no período de 1999 a 2008, com o objetivo de conhecer a trajetória de apropriação do Museu da Vida por esse público. Acreditamos que a partir dessa análise, que privilegiou a dimensão quantitativa, traçando o perfil histórico da visitação, seja possível a realização futura de uma nova série de estudos, de caráter qualitativo, que permitam compreender os motivos que interferem na aproximação da escola com o Museu da Vida e obter meios de estreitar essa relação.

Esperamos, também, que os resultados desta pesquisa do Nepam possam contribuir com informações que auxiliem a atividade essencial de reflexão sobre nosso processo de atuação, para podermos redimensionar nossas metas e avançar no trabalho.

Bem-vindos ao “Cadernos 2”.

³ Na Reunião das Equipes, em 1995, preparatória para apresentação do projeto em reunião do Conselho Deliberativo da Fiocruz, e no Seminário de Copacabana, em 1996. A transcrição dos dois eventos está disponível na Biblioteca do Museu da Vida.

Introdução

A questão fundamental proposta por este estudo é identificar se, após os dez primeiros anos de funcionamento, o Museu da Vida conseguiu se aproximar das premissas do projeto inicial, especificamente em relação às expectativas de abrangência geográfica com base no atendimento ao público escolar pelo Circuito de Visitação no *campus* da Fiocruz.

Este segundo exemplar dos “Cadernos Museu da Vida” representa o aprofundamento de uma sequência de informações fornecidas no primeiro número – *Estatísticas de visitação, 1999 a 2007* – e aborda a visitação escolar tendo em vista a localização dessas instituições, observando, entre outros aspectos, qual o raio de atração de visitas escolares do museu e qual a relação entre a localização da escola as visitas realizadas, uma ou mais vezes, ao Museu da Vida. O mapa das páginas centrais ilustra o município do Rio de Janeiro, de acordo com as frequências de visitação escolar.

A localização geográfica da escola informa sobre o investimento em tempo e recursos para realizar e repetir uma visita, considerando a distância/proximidade como variável. Traz, ainda, informações sobre o meio sociocultural da comunidade escolar de origem. Nesse sentido, considera-se a divisão da cidade em bairros e zonas como impregnada de significados e representações (onde ganha destaque o problema da violência urbana), como também os indicadores de desenvolvimento que registram as diferenças entre as regiões.

Em sua tese de doutorado, Sibeles Cazelli (2005) observou alguns dos aspectos que influenciam a frequência da visitação escolar a museus e que também serão encontrados neste “Cadernos”, como as desigualdades regionais em relação à distribuição dos equipamentos culturais e a sensação de insegurança motivada pelo clima de violência urbana. Na pesquisa, a autora destacou que “a distribuição desigual destes equipamentos coincide com o distanciamento sociocultural existente entre moradores da Zona Sul e os das Zonas Norte e Oeste” (p.132).

Na Tabela 28 de sua tese, Cazelli (2005, p.141) relacionou as dificuldades relatadas por escolas para a realização de visitas a museus, comparando as instituições da rede municipal com as da rede privada. Enquanto para as escolas

municipais o problema mais relatado foi o ‘transporte’, para as escolas particulares foi a preocupação relativa à ‘violência urbana’. Para estas, o problema de transporte apareceu em quinto lugar. Nas escolas municipais o problema da violência obteve a metade das citações atribuídas ao transporte.

A violência urbana é uma questão que predominantemente nos últimos quinze anos passou a fazer parte da pauta cotidiana dos habitantes dos grandes centros urbanos. E como não podia deixar de ser, das instituições escolares, notadamente as localizadas em áreas consideradas de risco. Contudo, é importante ressaltar que é uma marca dos tempos atuais, não é algo distinto dos setores menos favorecidos do ponto de vista socioeconômico e cultural. Os professores e/ou coordenadores pedagógicos, nas conversas que ocorreram durante a operacionalização do trabalho de campo desta pesquisa, destacaram a enorme responsabilidade que assumem quando saem com os alunos para as atividades extraescolares, a despeito da autorização dos pais ou da segurança do transporte alugado em empresas de grande porte. Este fato e mais a preocupação com a violência urbana têm provocado uma diminuição na frequência às instituições culturais. Em outras palavras, vêm reduzindo a saída dos alunos da escola. (Cazelli, 2005, p. 140)

A abordagem com base nas áreas geográficas dos visitantes escolares ao Museu da Vida certamente poderá contribuir para ampliar os enfoques sobre a questão do público escolar que realiza visitas a museus. Espera-se, mais do que responder perguntas, fornecer elementos que ajudem a formular novas questões, que orientem futuras pesquisas e apontem novos rumos.

Metodologia

Visitas escolares versus escolas visitantes

Uma primeira dimensão central, a ser destacada, é a diferença conceitual entre os termos ‘visitas escolares’ e ‘escolas visitantes’ para o objetivo deste estudo. Por ‘visitas escolares’ se entende a quantidade de visitas realizadas por escolas de modo geral, em que se contabiliza cada visita, mesmo as repetições de uma mesma escola. As ‘escolas visitantes’ são as instituições de ensino propriamente ditas, ou seja, sua contabilização é individual, não importando o número de visitas. Na prática, saber quantas escolas de uma região visitaram o Museu (‘escolas visitantes’) é diferente de saber quantas das visitas de uma região foram realizadas por escolas (‘visitas escolares’). Na maior parte desta publicação a unidade de análise fundamental foi ‘visitas escolares’.

O conceito de ‘escolas visitantes’ foi utilizado com o objetivo de dimensionar e comparar a intensidade com que o Museu da Vida atraiu a visita das escolas existentes em cada região. Para esse fim trabalhamos com a proporção entre as escolas que visitaram o Museu da Vida e os totais de escolas existentes nas macrorregiões (Inep, 2009). Deste modo, no último tópico deste “Cadernos” passamos a usar como foco não mais a quantidade total de visitas, mas a quantidade de escolas diferentes que compareceram para uma ou mais visitas.

A Relação Escolas Visitantes / Total de Escolas Existentes (RVE)

O cálculo da relação entre escolas que visitaram alguma vez o Museu da Vida nos dez anos pesquisados originadas da região considerada (f_v) e o total de escolas existentes na região considerada (f_e) corresponde aos valores relativos obtidos pela razão entre ambos:

$$RVE = f_v / f_e$$

Para a obtenção da Relação Escolas Visitantes / Total de Escolas Existentes (RVE), consideramos ‘escolas visitantes’ todas aquelas que concretizaram a visita ao Museu, o que, em outras palavras, significa que cada escola foi contabilizada independentemente da quantidade de

comparecimentos. O total de escolas existentes em cada região foi elaborado com base em informações censitárias do Inep (2009), cabendo informar que o censo escolar não apresenta os dados divididos por zonas.

A RVE é uma tentativa de refletir sobre o grau de penetração alcançado pelo Museu da Vida em relação a escolas de determinadas localidades. O método possui algumas limitações, mas, ainda assim, pela inexistência de outros parâmetros, preferimos utilizá-lo, como forma de responder em parte à curiosidade comum que surge em relação ao potencial de escolas que nunca visitaram o Museu da Vida e sua distribuição espacial pela Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Em linhas gerais, as limitações dessa medida, como um possível indicador de atratividade, são:

- Não utilizamos valores anuais, ou seja, a pesquisa não contempla a variação de escolas existentes em cada período.
- Utilizamos as informações acumuladas nos dez anos de funcionamento do Museu da Vida, comparando-as com informações censitárias obtidas no ano de 2009.
- As informações censitárias precisaram ser reformatadas, de modo a desagregá-las por bairros; a configuração atual permite o aparecimento de alguma imprecisão não controlada.
- Os números relativos são sensíveis às menores quantidades de escolas de algumas regiões, ou seja, nessas situações, mesmo as pequenas quantidades de visitas podem gerar um número relativo alto. Uma localidade que tem quatro escolas e que foi representada pelas visitas de duas escolas terá atingido 0,50 na RVE; para uma região com cem escolas e quarenta visitas escolares, por exemplo, a RVE corresponderá a 0,40.

Fonte de dados

A fonte dos dados utilizada nesta pesquisa foi a Agenda de Visitas⁴ ao Museu da Vida, que faz parte de um sistema de registro que vem sendo aprimorado desde a inauguração, em 1999. Trata-se de uma base de dados que é alimentada pelos profissionais responsáveis pelo atendimento ao público no Centro de Recepção. Na dinâmica de agendamento, o público interessado em visitar o Museu da Vida estabelece contato por telefone ou pessoalmente, e as informações

⁴ O Circuito de Visitação do Museu da Vida opera com dois tipos de visitas: (1) as visitas agendadas previamente e que constituem um banco de dados; (2) as visitas livres, que atualmente ocorrem somente aos sábados e em ocasiões de eventos especiais, para as quais não é necessária marcação prévia. Estas não constituem, portanto, uma base de dados.

colhidas são inseridas no sistema por digitação. A primeira versão desse sistema foi elaborada com a ferramenta Clipper e teve a função de registrar eletronicamente as marcações de visitas, armazenando informações divididas em dois grupos:

- a) *cadastro*, ou seja, informações que criam uma identidade para o visitante, como: nome, endereço, telefone, nome da pessoa que fez o contato, *e-mail*, data e ‘tipo’ de visitante (código que caracteriza o registro como *escola pública*, *escola particular*, *associações*, *outros grupos organizados diversos* ou *visitante individual*).
- b) *visita*, referente às informações que caracterizam em detalhes a visita que está sendo agendada: data e horário marcados para a visita; atividades que serão realizadas; quantas pessoas virão no grupo; nível de escolaridade desse grupo; faixa etária; quem será o acompanhante responsável pelo grupo etc.

Esta arquitetura do sistema de marcação de visitas permaneceu até o ano de 2005, quando foi desenvolvido um projeto, com o apoio da Capes, para modernização e ampliação, que recebeu o nome de Sistema de Registro e Avaliação de Visitas (Sira) e utilizou tecnologia de programação mais atual (PHP/MySQL).

Os dados digitados no dia do agendamento são confirmados e atualizados pelo Centro de Recepção no ato da visita. Os registros relativos ao público que não compareceu para a visita marcada são removidos para outra base de dados, exclusiva para o registro de faltas e cancelamentos. A fonte dos dados utilizada para os estudos apresentados nesta edição dos “Cadernos” refere-se, portanto, às visitas efetivamente realizadas ao Museu da Vida.

Na pesquisa utilizamos os dados armazenados na base do Sira de 1999 a 2008. A primeira versão do Sira revelou-se uma agenda eficiente, embora não tenha sido construída para finalidades estatísticas específicas nem tenha contado com muitos recursos tecnológicos de automação e padronização dos dados. Assim, a maneira como as informações eram digitadas e gravadas dependia em grande medida de quem operava o sistema, o que ocasionou problemas de padronização das informações.

As falhas mais comuns referiam-se aos padrões para abreviações. Havia limitação de quantidade de caracteres (letras e espaços) para a inclusão de nomes e endereços, o que permitiu, por exemplo, a inclusão de várias abreviaturas

para a palavra ‘general’: GAL, GAL., GEN, GEN., GN., G., lidas pelo sistema como informações distintas. A grafia de nomes estrangeiros também ocasionava complicações, bem como o uso de numerais (Apolo XII e Apolo 12, por exemplo).

Além disso, pela ausência de um procedimento protocolar de preenchimento, em muitos casos alguns campos de registro permaneciam em branco. Por vezes o próprio operador registrava uma informação de endereçamento e presumia seu complemento – por exemplo, ao registrar um nome de rua conhecido, atribuía automaticamente um bairro –, gerando erros. Em outras situações informava-se como ‘cidade’ um nome que, de fato, correspondia a um ‘bairro’ (por exemplo, ‘bairro: Centro’, ‘cidade: Campo Grande’, quando deveria ser ‘bairro: Campo Grande’, ‘cidade: Rio de Janeiro’). Muitas vezes esses erros eram transmitidos pelos próprios visitantes, no momento do agendamento.

A constatação desses tipos de falhas na avaliação preliminar dos dados levou à decisão do Nepam de realizar um extenso e meticuloso trabalho de conferência de todos os registros, que consumiu cerca de oito meses de trabalho e envolveu um grupo de quatro pessoas. A metodologia adotada nesse processo de depuração consistiu em:

- a) criar um espelho dos dados de visitas realizadas entre 1999 e 2008 e exportá-lo para um *software* de planilha de dados;
- b) conferir os códigos de identificação dos tipos de instituições;
- c) identificar e excluir dessa base as instituições de tipo não-escolar;
- d) criar filtros, ordenando os campos dos registros de modo a agrupá-los, evidenciando as falhas de padronização e corrigindo-as;
- e) conferir os campos de endereços (logradouros, bairros, cidades, estados e CEPs) e de nomes de escolas, tendo como suporte os recursos de busca disponibilizados pelos sítios dos Correios, do Google, do Altavista e de órgãos municipais e estaduais de Educação.

Após o processo de depuração restaram registros que os mecanismos de busca não foram capazes de identificar com precisão. Nesses casos não havia referência alguma de endereços e a busca pelo nome da instituição não teve sucesso, ou os endereços registrados não foram identificados em nenhuma das bases externas disponíveis para consulta. Em tais situações optamos por excluir o registro e não considerá-lo na pesquisa.

Ao final, os 6.406 registros escolares iniciais foram depurados, com a exclusão de 262, correspondentes a 4% do total original. Assim, a base de dados passou a ser composta por 6.144 registros.

Nomenclatura adotada para as regiões geográficas

Na construção do modelo de orientação geográfica, preferimos abrir mão do critério oficial de Regiões Administrativas ou de Zoneamento Urbano – com 12 zonas –, utilizado no município do Rio de Janeiro, em favor de outro que agrega valores socioeconômicos mais facilmente compreensíveis pelo senso comum, que é a divisão territorial em quatro zonas (Mees, 2007). Embora atualmente não seja um conceito oficial, sua origem é a mesma dos demais critérios de divisão geográfica, remontando à Proclamação da República, com o decreto nº 434 de 1º de junho de 1903, que criou a divisão do território do Rio de Janeiro em ‘zona urbana’, com 18 distritos, e em ‘zona suburbana’, com sete distritos (Vieira, 2004). O crescimento da cidade levou à existência das quatro grandes áreas (Centro, Norte, Sul e Oeste) como se denominam as ‘zonas’ hoje em dia. A opção de trabalhar com essas divisões também encontra respaldo em Vieira (1995/2004, pg. 4):

As regiões do Rio de Janeiro deixam de ser apenas designações geográficas e passam a ser também designações sociais e simbólicas, representando cada uma delas, a seu modo, um determinado tipo de vida ... Deste modo, pensar as diferentes regiões (ou zonas – sul, norte e centro) nos leva a uma classificação pautada nos modelos socioeconômicos legitimados estruturalmente e simbolicamente, que, por este motivo, agregam valores sociais tais como: riqueza ou pobreza, violência ou segurança, lazer ou ócio etc.

Entendemos que, com a opção de uso das quatro zonas, que já se tornaram localidades facilmente identificáveis nacional e internacionalmente quando se fala do Rio de Janeiro, será possível para o leitor um reconhecimento mais imediato do território estudado.

Assim, a divisão adotada como orientação para este trabalho é a seguinte:

1. Regiões pertencentes ao município do Rio de Janeiro: Zonas Centro, Sul, Norte e Oeste (*Lista de bairros*, 2009);
2. Regiões fora do município do Rio de Janeiro: para estas localidades foi adotado o seguinte agrupamento:
 - a) Grande Rio⁵: engloba os bairros definidos em lei de 1974 como a Região Metropolitana, com as modificações introduzidas em 1993, 2001 e 2002, sem os bairros da cidade do Rio de Janeiro. Esse grupo possui dois subgrupos, diferenciando os municípios da Baixada Fluminense dos demais municípios do Grande Rio.
 - b) Outras Cidades Fora do Grande Rio: comporta os municípios das demais regiões (Litoral Sul e Norte, Lagos, Interior e Serrana).
3. Outros estados.

Finalmente, outro conceito a ser destacado refere-se aos termos ‘entorno’ e ‘vizinhança’, com os quais trabalhamos em vários momentos da análise. Como ‘entorno’ compreendem-se os bairros próximos ao bairro de Mangueiras, onde se localiza a Fiocruz. Por ‘vizinhança’ entendem-se os bairros que fazem divisas com o *campus* da Fiocruz. Esta é uma região de particular interesse como público do Museu da Vida, tendo em vista a proximidade geográfica e a carência de aparelhos culturais na região.

⁵ O Grande Rio, ou Região Metropolitana do Rio de Janeiro, foi instituído pela Lei Complementar nº 20, de 1º de julho de 1974, após a fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. É a segunda maior área metropolitana do Brasil, terceira da América do Sul e 23ª maior do mundo.

Parte I

Visitas Escolares ao Museu da Vida de 1999 a 2008

O brasileiro se interessa por ciência e tecnologia. Esse foi o resultado de um recente estudo sobre percepção pública da ciência, desenvolvido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, que também revelou o interesse por assuntos como meio ambiente, medicina e saúde. Entretanto, esse interesse ainda não se traduz numa frequência expressiva aos museus e centros de ciência (apenas 4% dos entrevistados tinham frequentado estas instituições nos últimos 12 meses). Tal dado revela o quão longe ainda estamos de atingir o nosso potencial. O desafio é muito maior: atrair, cativar e manter o público, transformando o interesse eventual numa relação duradoura com os museus e centros de ciência.

Paulo Gadelha (em Marandino et al., 2009; p.8)

A afirmação de Paulo Gadelha, Presidente da Fundação Oswaldo Cruz e fundador da Casa de Oswaldo Cruz e do Museu da Vida, registra um grande desafio vivido pelas instituições voltadas para a divulgação da ciência e da saúde no Brasil: a conquista e a manutenção de seu público.

Essa tarefa vem demandando a busca de inovação nos modos de comunicação, o aperfeiçoamento de propostas de mediação e de formas atrativas para as exposições e atividades desenvolvidas em museus e centros de ciência. Ao mesmo tempo, vem aumentando a importância de estudos de público, com o objetivo de conhecer quem são nossos visitantes, quais são as suas expectativas e desejos, e que aspectos sociais interferem em sua procura por esse tipo de lazer cultural. Grandes estudos de público, como a pesquisa do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC (Fiocruz/Mast/Ibram), buscam conhecer o perfil dos visitantes e, além de sua opinião sobre as instituições e seu atendimento, procuram compreender o modo como a sociedade se apropria desses aparatos culturais.

Estatísticas de visitação, 1999 a 2007 foi o primeiro volume dos “Cadernos Museu da Vida”. Realizado em 2008, esse número caracterizou os dados da agenda de visitação desde a inauguração do Museu, em maio de 1999, até o final de dezembro de 2007. Esses nove anos iniciais de atendimento ao público foram, como apontado anteriormente, armazenados no Sistema de Registro e Avaliação de Visitas do Museu da Vida (Sira). Seus dados se constituem como séries históricas sobre a visitação, o perfil

do público e as características da atividade desenvolvida. A regularidade e a continuidade no registro das informações possibilitaram os estudos apresentados. A análise estatística do material no “Cadernos 1” forneceu uma visão geral do nosso público visitante, cuja atualização até o ano de 2008 contabiliza a visitação de 2,02 milhões de pessoas em todas as nossas atividades presenciais (intra e extramuros). Das visitas realizadas entre 1999 e 2008 ao Circuito de Visitação no *campus* da Fiocruz, 86% foram escolas, com maior frequência de estudantes na faixa entre 10 e 15 anos (57%).

Tabela 1 – Comparativo entre os dados do “Cadernos 1” e a atualização, incluindo os dados de 2008

	1999 a 2007	1999 a 2008	Variação
Visitas presenciais (em milhões)	1,77	2,02	+14%
% de visitas escolares ao Circuito de Visitação	87%	87%	–
Faixa etária predominante (10 a 15 anos)	57%	57%	–

Estas informações definem o panorama da visitação. Mais do que responder às nossas perguntas, esse material possibilitou, por um lado, observar a evolução do comportamento, ao longo do tempo, do público do Museu e, por outro, permitiu a identificação de diversos aspectos de interesse para novos estudos.

Neste segundo número dos “Cadernos”, sobre o público escolar do Museu da Vida, aprofundamos uma destas questões, fundamental por registrar uma meta dimensionada no projeto de criação do Museu.

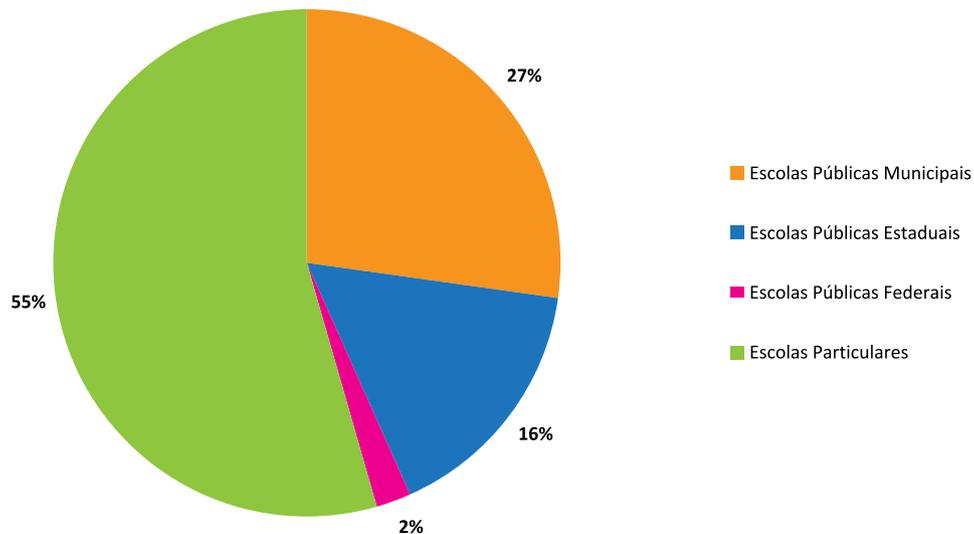
As visitas escolares são agendadas segundo o interesse da instituição visitante e podem ser atendidas em diferentes atividades de cada um de nossos cinco espaços de visitação: Centro de Recepção, Parque da Ciência, Biodescoberta, Passado e Presente e Ciência em Cena.

O público escolar é preferencial para museus e centros de ciência, que dedicam boa parte de suas atividades à concepção educativa do atendimento e da mediação da informação e a cursos e encontros com professores.

No Museu da Vida essa parcela de público representou 83% do total do atendimento do Circuito de Visitação nos seus nove anos iniciais (Damico; Studart, 2008). A maior frequência, segundo as idades, ocorreu na faixa entre 10 e 15 anos (58%), e somente 3% do público tinha mais de 20 anos de idade.

Os dados atualizados para a elaboração desta publicação, que introduz nos cálculos o ano de 2008, demonstram que 55% dessas visitas agendadas foram realizadas por escolas particulares e 45% por instituições públicas, cuja composição corresponde a 27% de escolas municipais, 16% de estaduais e 2% de federais (Gráfico 1).

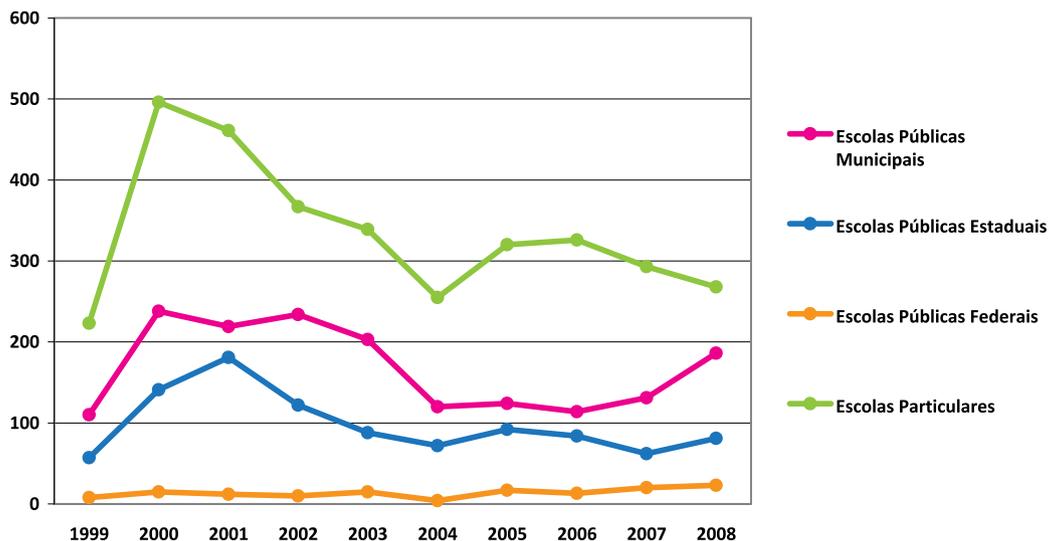
Gráfico 1 – Distribuição das visitas escolares segundo os tipos de escolas – 1999 a 2008



O primeiro número dos “Cadernos” apresentou uma análise do comportamento destas fatias de público ao longo dos anos, e o Gráfico 2 reinterpreta essa evolução, atualizada

até o ano de 2008. Como o Museu da Vida foi inaugurado em maio de 1999, nesse ano foram contabilizados somente os sete meses restantes.

Gráfico 2 – Evolução do número absoluto de visitas escolares por ano, segundo os tipos de escolas – 1999 a 2008



O posicionamento entre os tipos de escolas, embora variando em patamares, manteve um comportamento semelhante: em todos os anos as escolas particulares apresentaram as maiores frequências, seguidas pelas escolas municipais e estaduais, com as escolas federais sempre registrando as menores quantidades de visitas. Tendo em vista esse baixo peso relativo das escolas públicas federais, optamos por não representá-lo isoladamente em futuros gráficos. Esta opção objetiva evitar a elaboração de gráficos de valores absolutos ou relativos inexpressivos.

Neste segundo número, pretendemos aprofundar a análise da visitação ao Museu da Vida, buscando definir aspectos do perfil do público escolar como a localização das escolas, os diferentes tipos de dependência administrativa (pública ou privada), a assiduidade das visitas e o grau de atratividade que vem exercendo junto a esse público específico.

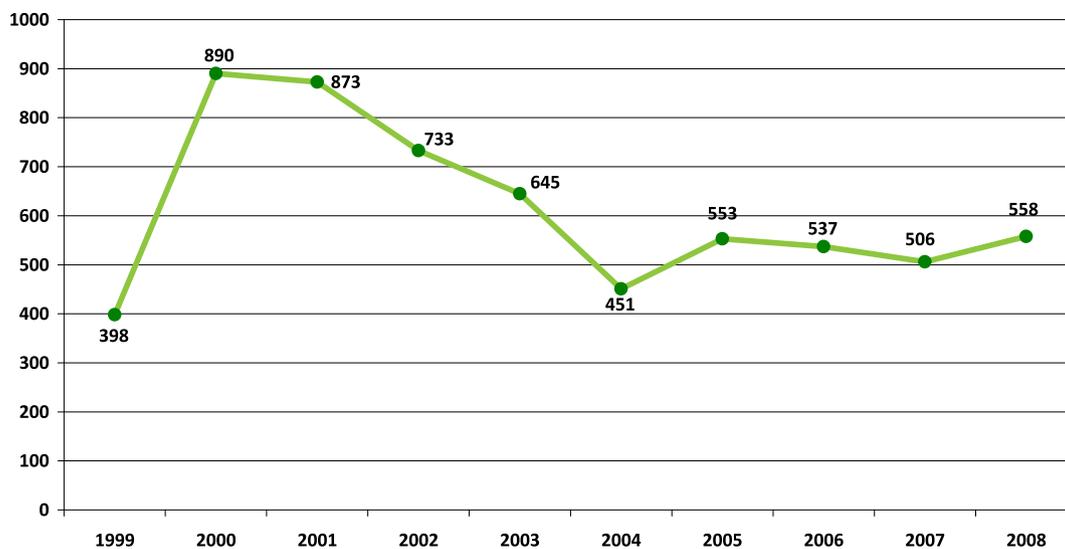
Parte II

Visitas Escolares ao Museu da Vida segundo as Regiões (1999 a 2008)

A evolução do total de visitas escolares ao Museu da Vida, expressa em números absolutos por ano, mostra uma grande variação ao longo dos últimos dez anos. Destacamos os anos 2000 e 2001 como o momento de pico das visitas escolares,

sendo os três anos subsequentes de decréscimo constante. Após 2004, quando houve o menor número de visitas escolares em todo o período analisado, há uma retomada que sustenta um intervalo entre 500 e 600 visitas até o ano de 2008.

Gráfico 3 – Evolução do número absoluto do total de visitas escolares por ano (1999-2008) - (Total geral: 6.144 visitas)



Buscamos identificar a ocorrência de alguns eventos específicos que possam ter influenciado as variações apontadas:

- No período de 2000-01 a Fiocruz comemorou o seu centenário, e o Museu operou com suas atividades junto ao limite máximo da capacidade de atendimento agendado.

- Em meados de 2001 o Circuito de Visitação do Museu da Vida utilizou, em caráter experimental, um padrão de atendimento diferenciado, com atividades e oficinas de menores durações, de modo a obter maior giro de visitantes. Aquela experiência, embora exitosa do ponto de vista da intensa visitação, foi abandonada diante da suposta perda de qualidade gerada pela redução do tempo de operação nas áreas de visitação.

- De 2002 a 2004 estava em vigor uma parceria da Riotur com a Secretaria Municipal de Educação, no sentido de oferecer transporte gratuito a escolas públicas para favorecer a prática de passeios de natureza cultural para os estudantes da rede. O Museu da Vida era um dos pontos de visitação previstos naquele projeto, o que contribuiu para estimular um aumento na visitação escolar. O total de visitas escolares relacionadas com a parceria da Riotur foi de 313 nos três anos, 89 das quais em 2002, 120 em 2003 e 104 em 2004. Comparando esta informação com o Gráfico 3 constatamos que esses foram exatamente os anos críticos em termos da redução das quantidades de visitas escolares ao Museu da Vida. Isso significa que a parceria desempenhou o papel de compensação na intensidade da queda dos valores absolutos e que, sem ela, o desempenho naquele triênio teria sido ainda menor. Em relação à quantidade total de visitas escolares naqueles três anos (1.829), a parceria da Riotur foi responsável por 17%.
- Em 2002 e 2004 alguns espaços do Circuito de Visitação entraram em obras de infraestrutura, o que reduziu significativamente a oferta de atividades para o público visitante. Nesse ano, também foram deflagradas várias greves gerais de funcionários da Fiocruz, o que ocasionou o cancelamento de visitas e a redução na oferta de atividades.
- Em 2005 novas obras de infraestrutura provocaram a redução da oferta de atividades para agendamento.

Certamente outros fatores externos também podem ter tido importância nessa evolução geral da visitação escolar,

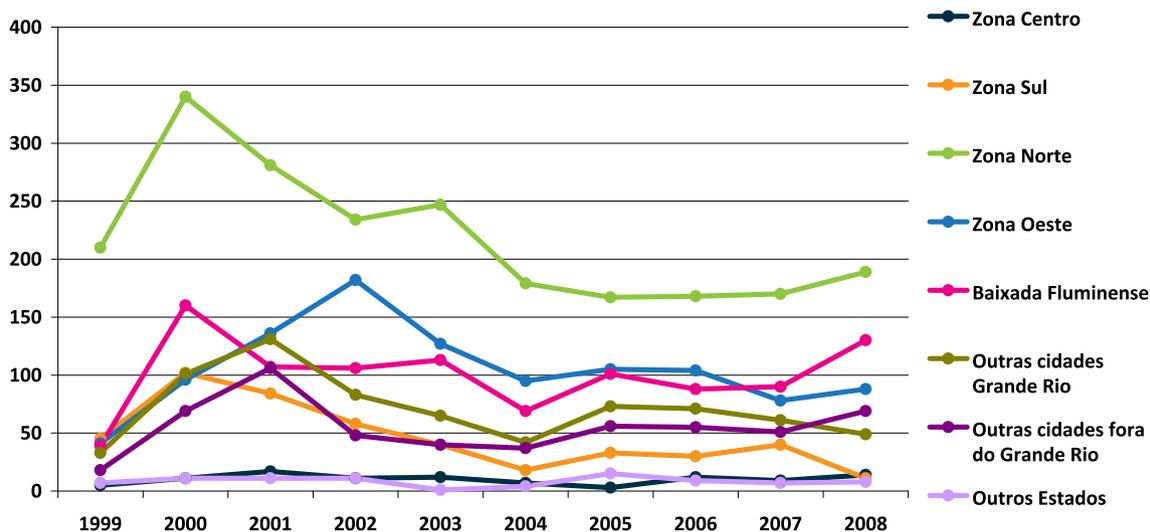
e somente um estudo mais específico poderá traçar um mapa do conjunto de influências. No presente trabalho, observaremos como esse comportamento geral se apresenta quando desdobrado pelas regiões geográficas, que são o objeto de análise deste “Cadernos”.

O panorama mais amplo mostrado no Gráfico 4 destaca, em primeiro lugar, a supremacia da Zona Norte sobre as demais em todos os anos da série, em números absolutos de visitação escolar ao Museu da Vida. Em segundo lugar, observamos grande diferença entre o número de visitas de escolas localizadas na Zona Norte e de escolas localizadas nas Zonas Centro e Sul.

No caso da Zona Sul, é interessante notar que a visitação ganhou força no momento imediato à criação do Museu da Vida, mas dois anos depois – como em outras regiões – iniciou um processo de queda até 2004. Mesmo tendo mostrado recuperação em 2005, que perdurou até 2007, a visitação escolar da Zona Sul não mais alcançou o patamar do ano 2000. Em 2008, apresentou nova queda, desta vez atingindo o seu menor nível histórico.

Tomando-se mais uma vez como referência a pesquisa do OMCC (Köptcke et al., 2008), na qual a violência aparece como aspecto que dificulta a visita ao Museu da Vida para 54% dos visitantes espontâneos pesquisados, pode-se sugerir que a imagem da violência urbana ocasione a diminuição da frequência de visitas das escolas da Zona Sul, além do fato de essa região concentrar o maior número de equipamentos culturais na cidade.

Gráfico 4 – Evolução do número absoluto de visitas escolares por ano segundo as regiões de origem das escolas 1999 a 2008 (Total geral = 6.144 visitas)



É interessante observar que o ano de 2004, como citado anteriormente na análise do gráfico de visitação global, foi o de menor visitação em praticamente todas as regiões, o que configurou um momento crítico na história do Museu da Vida. De modo geral, após esse período todas as regiões mostraram recuperação e estabilização.

A visitação escolar de instituições da Zona Oeste teve uma fase de ascensão mais duradoura que a da Zona Sul. Enquanto esta última, logo após o primeiro ano, iniciou o declínio, aquela permaneceu em ascensão até o ano de 2002, quando atingiu seu pico de visitação escolar. A partir desse momento, no entanto, começa uma queda e não se recuperam mais os níveis anteriores. Até mesmo a Zona Norte, que liderou as estatísticas em todos os anos, acompanha esse movimento geral de queda.

A grande diferença inicial de visitação entre a Zona Norte e as demais regiões no primeiro ano de funcionamento veio caindo nos dois anos seguintes, enquanto se verificava uma grande ascensão nos dados da Zona Oeste. Em 2002, a diferença entre ambas não chegava a 10%.

Em 2003 a Zona Oeste apresentou queda em torno de 5%, e os números estabilizaram-se de 2003 até 2006, quando houve nova queda de semelhante intensidade. Desde então, os dados mantêm-se nesse patamar.

A Zona Centro e as cidades que não pertencem ao estado do Rio de Janeiro – como era de se esperar – sempre tiveram pequena participação relativa na série. Isso pode ser explicado (Zona Centro), pelo seu pequeno número de unidades escolares (apenas 1,4% das escolas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro). Quanto às demais cidades, a razão

estaria nas distâncias que dificultam o deslocamento. Essas duas regiões mantiveram-se estáveis, com picos ocasionais que chegaram a dobrar suas participações habituais (Zona Centro em 2003, e cidades fora do Estado em 2005).

A visitação das escolas localizadas fora do município do Rio de Janeiro (Região Metropolitana e fora da Região Metropolitana) apresentou, de 1999 a 2001, um movimento sensível de aumento, diferentemente do que se observou nas outras regiões estudadas. A Baixada Fluminense, que havia crescido significativamente no primeiro ano, com redução no segundo, apresentou crescimento de 2001 até 2003, enquanto o grupo “Outras Cidades fora do Grande Rio” apresentou queda suave até 2003. A partir de 2003 e até 2008 essas regiões apresentaram quedas e recuperações suaves, em um grau de variação em torno de 10%. A Baixada Fluminense demonstrou um ritmo de crescimento de 2006 até 2008, chegando a ultrapassar a marca de 20% de participação relativa no volume anual de visitas escolares ao Museu da Vida.

Os próximos três gráficos (5a, 5b e 5c) apresentam as variações ocorridas na visitação escolar nos últimos dez anos, em valores absolutos, separadas pelos tipos de escolas e pelas regiões de origem dessas escolas. Tendo em vista o aprofundamento das informações e a impossibilidade de análise dessas tendências no presente âmbito, optamos por apenas apresentar os dados e oferecer ao leitor material detalhado para um exercício de observação e comparação. Alertamos, no entanto, para as diferenças entre as escalas de valores utilizadas em cada gráfico, recurso que buscou evitar que as frequências muito próximas ficassem embaralhadas. Assim, as tendências podem ser visualizadas em todos os distintos patamares de comparação.

Gráfico 5a – Evolução do número absoluto de visitas escolares das escolas públicas municipais por ano, segundo as regiões de origem das escolas – 1999-2008

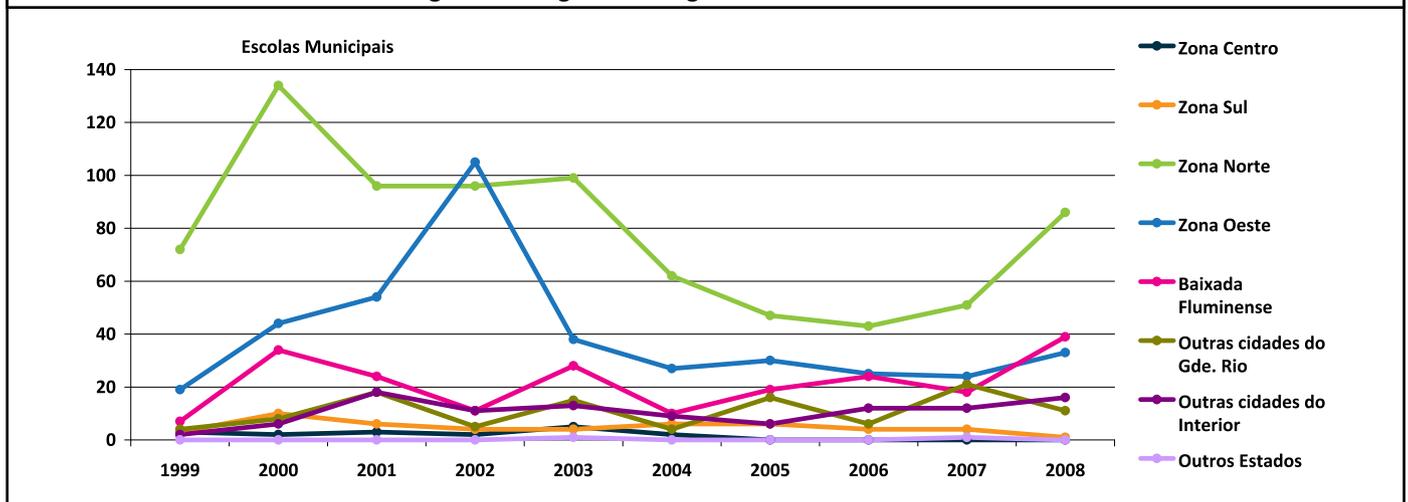


Gráfico 5b – Evolução do número absoluto de visitas escolares das escolas públicas estaduais por ano, segundo as regiões de origem das escolas – 1999-2008

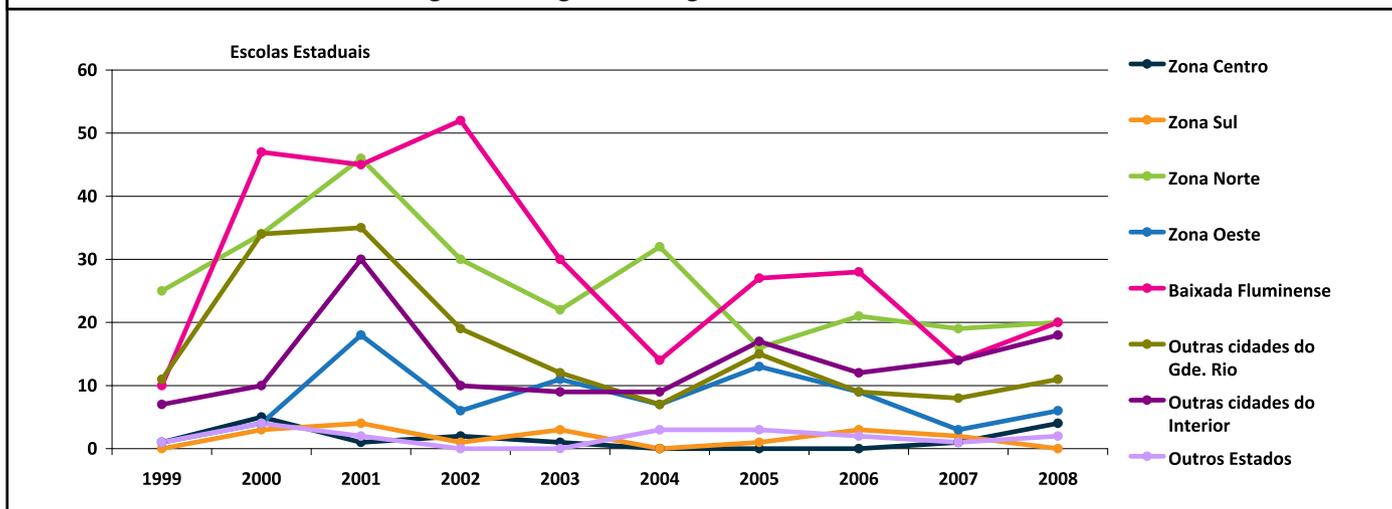
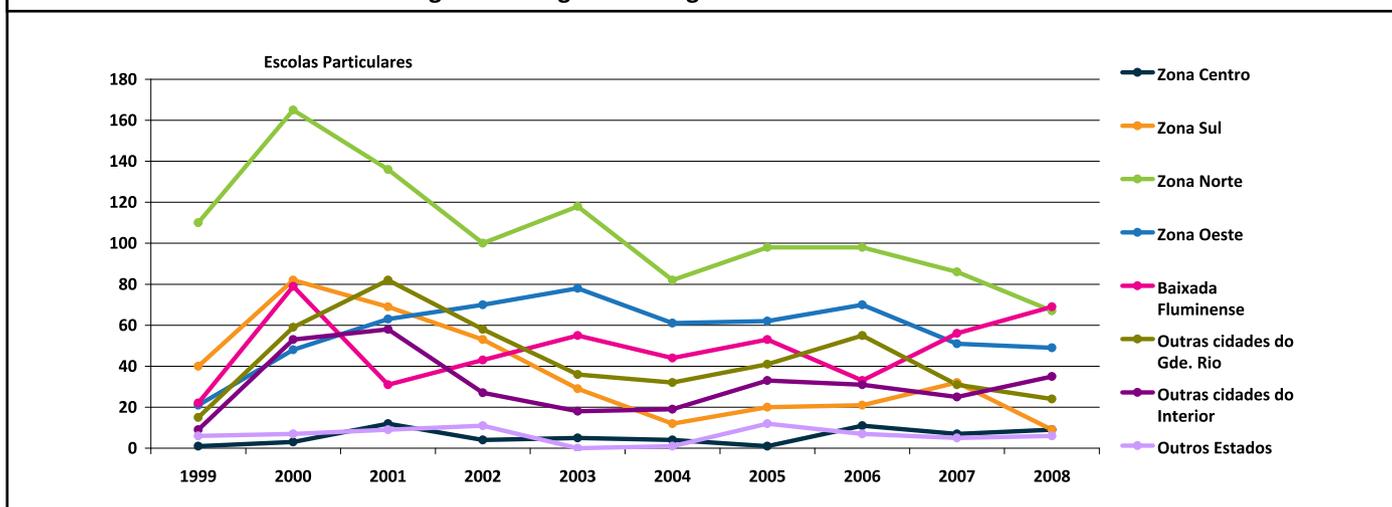


Gráfico 5c – Evolução do número absoluto de visitas escolares das escolas particulares por ano, segundo as regiões de origem das escolas – 1999-2008



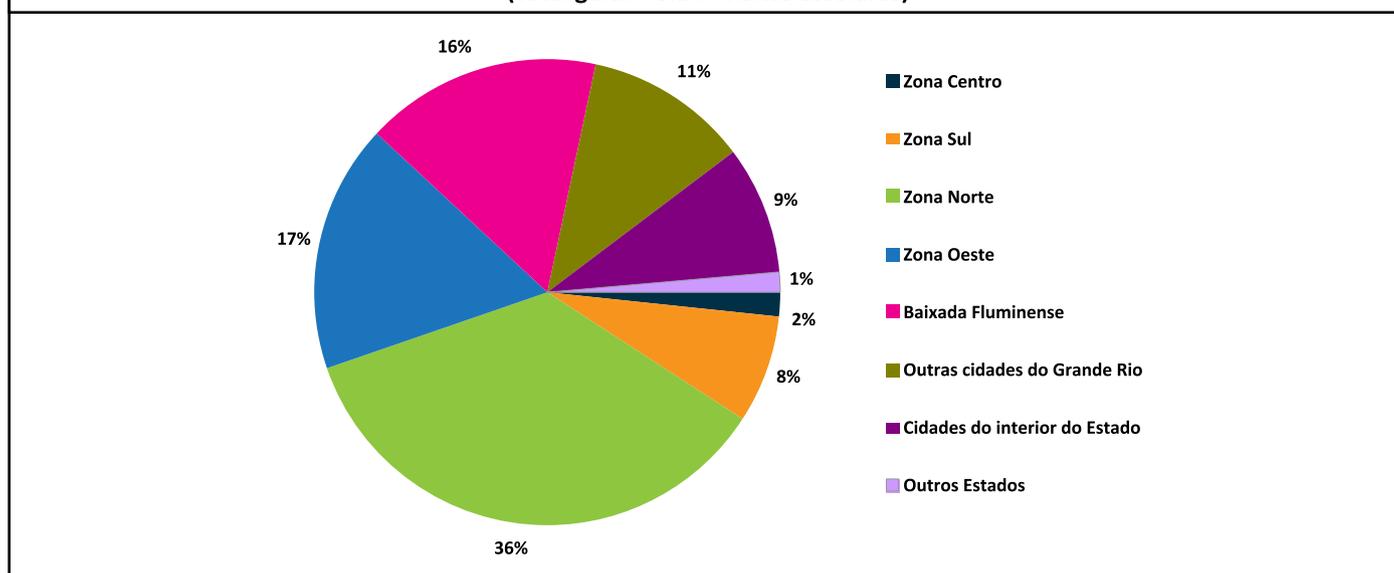
A visitação ao Museu da Vida comparada às práticas culturais da população

O campus da Fiocruz está localizado no bairro de Manguinhos, que faz parte da Zona Norte do Rio de Janeiro, a segunda mais extensa do município. Segundo o Relatório da pesquisa Perfil Opinião 2005⁶ do Observatório de Museus e Centros Culturais

– OMCC (Köptcke et al., 2008), apenas o Museu da Vida, o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) e o Museu Aeroespacial têm predominância de visitantes originários da Zona Norte. Essa afirmação é corroborada, no caso do Museu da Vida, pela observação do Gráfico 6, que demonstra que 35% das visitas escolares são realizadas por escolas da Zona Norte. Esse peso relativo representa o dobro da região que

⁶ O OMCC é um programa de pesquisa sobre as práticas culturais no país, realizado em parceria com um grande número de instituições museais. A pesquisa citada foi realizada em 2005 e, atualmente, está em processo de atualização, na fase de coleta de dados de campo. Trata-se de uma das poucas referências existentes em relação aos visitantes e suas opiniões sobre os museus e centros culturais no Brasil. Por esse motivo, optamos por utilizar o relatório como referência, mesmo considerando as diferenças metodológicas e de conteúdo entre os dados. Essencialmente, as diferenças situam-se em duas dimensões: (1) a pesquisa do OMCC é feita com base em formulário de coleta aplicado em amostra de visitantes, enquanto o “Cadernos” utiliza avaliação censitária de grupos escolares que formam a base de dados de visitas; (2) a pesquisa do OMCC focaliza os visitantes livres (pessoas), enquanto o “Cadernos” considera as visitas agendadas pelos grupos (escolas). Como a importância dos dados está em definir os contornos das práticas culturais da sociedade, entendemos que essas diferenças não chegam a invalidar a comparação apresentada.

Gráfico 6 – Visitas escolares – Composição das regiões de origem das escolas – 1999 a 2008
(Total geral = 6.144 visitas escolares)



vem logo em seguida, a Zona Oeste, com 17%, e é cerca de quatro vezes a visitação escolar originada da Zona Sul.

Ainda com base no Relatório do OMCC, os dados referentes aos visitantes dos museus de ciência apresentaram-se conforme a Tabela 2:

Tabela 2 – Distribuição percentual dos visitantes residentes no município do Rio de Janeiro, por Área de Planejamento (AP), segundo os museus de ciências considerados no estudo do OMCC

Museus de Ciência Áreas de origem de visitantes ⁷	Zona Centro (AP1)	Zona Sul (AP2)	Zona Norte (AP3)	Zona Oeste	
				(AP4)	(AP5)
Museu da Vida	–	21,2%	50,3%	13,2%	
MAST	16,4%	21,0%	41,3%	–	
Museu do Universo	–	58,7%	19,3%	17,8%	
Museu Aeroespacial ⁸	–	–	38,8%	50,9%	

Fonte: Köptcke et al., 2008. A nomenclatura por zonas foi incluída por nós, para facilitar a compreensão geográfica de acordo com o padrão adotado neste trabalho.

O Museu de Astronomia (Mast), instituição tradicional na cidade, situa-se no bairro de São Cristóvão, próximo ao Centro do Rio Janeiro, e, provavelmente em razão dessa localização tenha agregado visitantes da Zona Centro, o que não ocorreu nos demais museus. Já o Museu do Universo

(Planetário) localiza-se no bairro da Gávea, na Zona Sul da cidade, e o Museu Aeroespacial fica no Campo dos Afonsos, base aérea localizada no limite entre as zonas Norte e Oeste do município. No Planetário é notável a frequência – superior a 50% – de visitantes da Zona Sul, e no Museu Aeroespacial a mesma proporção cabe à Zona Oeste. Estes dados apontam para uma relação direta entre a localização geográfica do Museu e o local de origem dos visitantes. Em linhas gerais, as pessoas tenderiam a frequentar os Museus mais próximos, o que parece natural em face dos problemas relacionados com o deslocamento, tanto em razão de custo quanto de tempo. Esta questão foi apontada em estudos, como o proposto por Mironer (2002, apud Köptcke et al., 2008):

A distância que separa o visitante do museu é também de ordem cultural, psicossociológica e pragmática: inscreve-se nos hábitos e nas representações em que a frequência dessas instituições não encontra, necessariamente, um lugar.

Essa relação também é encontrada na pesquisa do OMCC se observarmos que, à exceção do Museu Aeroespacial, os demais museus apresentaram um volume importante de visitantes da Zona Sul, fato que reforça a ideia de que a população residente em regiões com maior disponibilidade de aparelhos culturais desenvolve hábitos que valorizam a frequência a instituições como os museus. A Tabela 3 ilustra essa diferença no acesso a aparelhos culturais (museus, teatros, cinemas, centros culturais e bibliotecas) entre as regiões do Rio de Janeiro.

⁷ O Relatório do OMCC tratou as regiões geográficas utilizando as Áreas de Planejamento (APs) adotadas para divisão das regiões pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. Como as APs em muito se assemelham à divisão por Zonas que adotamos neste “Cadernos”, entendemos ser válida a comparação dos dados. Como detalhe importante, note-se que a Zona Oeste engloba a AP4 e a AP5.

⁸ O Museu Aeroespacial foi classificado no estudo do OMCC como “museu de história, técnica e ciência”.

Tabela 3 – Quantidade de aparelhos culturais na cidade do Rio de Janeiro, segundo as Zonas/APs (número absoluto e distribuição relativa)

Zona / AP	Quantidade	Porcentagem
Zonas Centro e Sul (AP1+AP2)	327	74
Zona Norte (AP3)	53	12
Zona Oeste (AP4+AP5)	59	13

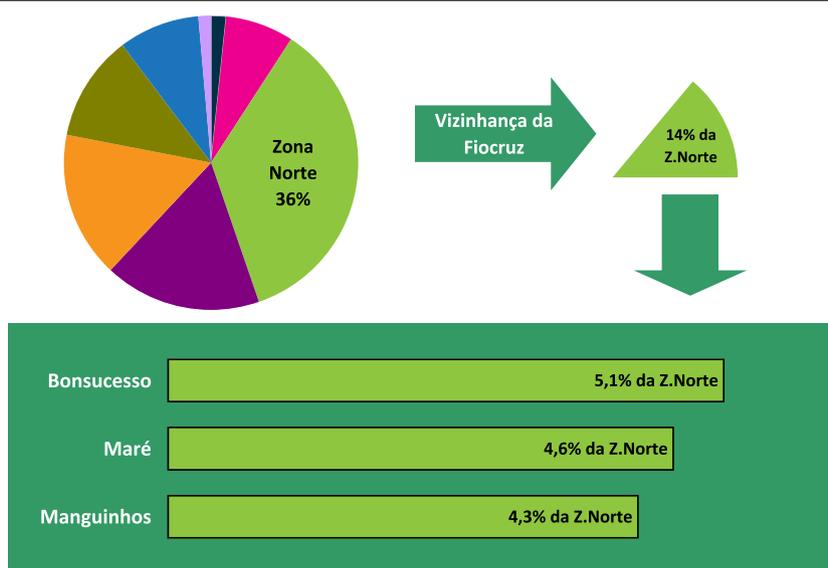
Fonte: Köptcke et al., 2008.

Desse modo, é coerente que a maior parte das visitas escolares ao Museu da Vida tenha sido de escolas da Zona Norte, já que é onde se situa a Fiocruz. Também a localização na confluência dos dois principais eixos de acesso à Zona Oeste – a avenida Brasil e a Linha Amarela – pode ter influenciado no significativo volume de visitas dessa região da cidade (17%). Essa mesma explicação se aplica no caso da Baixada Fluminense (16%), favorecida pela confluência da avenida Brasil e da Linha Vermelha.

Outras regiões do Grande Rio, como os municípios de Niterói, São Gonçalo e outros da região litorânea ao norte da Baía de Guanabara, assim como as serras e o litoral sul do estado, somaram 21% das visitas escolares. Se levarmos em conta que o acesso dessas regiões se dá pela avenida Brasil, poderemos sugerir que a localização do Museu da Vida pode ter sido um fator importante na composição das origens das escolas visitantes.

A Fiocruz tem como vizinhas diversas comunidades carentes do próprio bairro de Manguinhos, do bairro da Maré e de Bonsucesso. Por esse motivo interessa especialmente saber como se mostrou o peso relativo de visitas escolares das instituições desses três bairros, conforme ilustrado no Gráfico 7. Pode-se observar que Maré e Manguinhos concorreram com parcelas muito parecidas para alcançar os significativos 14% de visitas escolares da Zona Norte.

Gráfico 7 – Participação relativa dos bairros da vizinhança da Fiocruz na composição das visitas de escolas da Zona Norte – 1999 a 2008

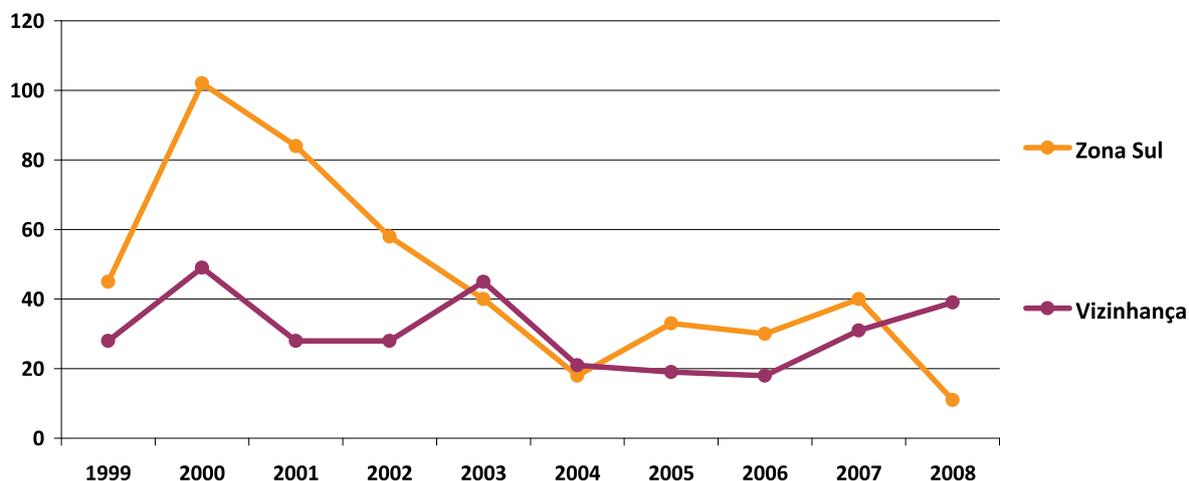


Os dados mostram que houve 305 visitas de escolas localizadas nesses três bairros ao longo do período analisado. Esse volume é relativamente alto se considerarmos que toda a Zona Sul registrou 461 visitas escolares no mesmo período, e a Zona Centro, 101 visitas. Esta comparação é importante, também, quando se estende ao longo dos anos, como mostra o Gráfico 8.

É notável a queda, em termos absolutos, das visitas escolares originadas da Zona Sul no período 2000-2004, uma vez que

em 2003 e 2004 as escolas da vizinhança chegaram a realizar mais visitas do que toda aquela área da cidade. A retomada do crescimento da visitação da Zona Sul, em 2005, não chegou a estabelecer uma diferença marcante, como se poderia esperar. Essa relação permaneceu até o ano de 2007, e em 2008 houve um novo movimento de queda das visitas escolares da Zona Sul, que alcançaram o seu menor patamar histórico. Em sentido contrário, as visitas escolares originadas nos bairros da vizinhança da Fiocruz apresentaram crescimento, chegando a ser duas vezes e meia superiores às da Zona Sul em 2008.

Gráfico 8 – Evolução do número absoluto de visitas escolares da Zona Sul e da vizinhança da Fiocruz por ano – 1999 a 2008

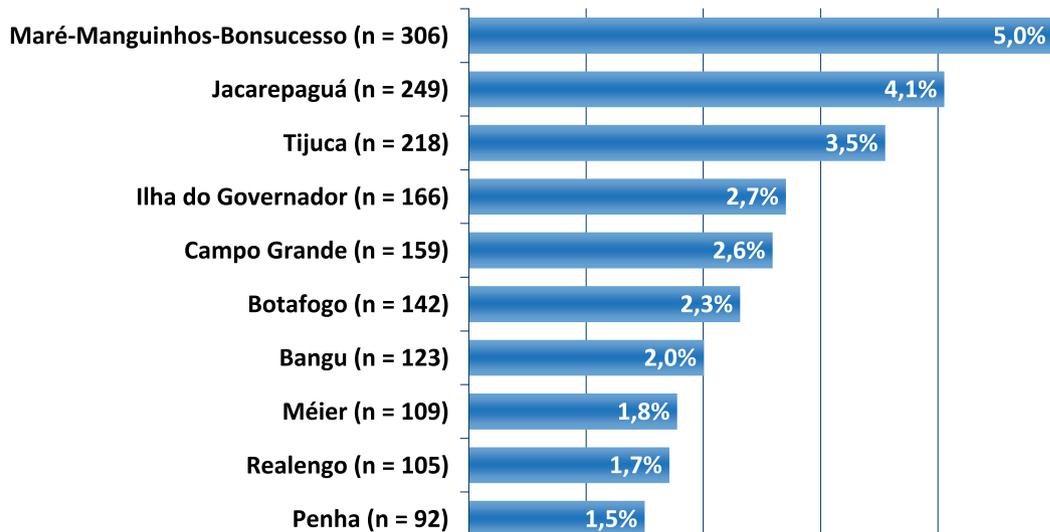


A comparação com a Zona Sul é relevante, também, em razão das diferenças socioeconômicas entre essas duas regiões da cidade e da expectativa comum de que os respectivos números tivessem comportamentos mais diferenciados. Não se evidencia, neste caso, que o maior poder aquisitivo de uma região, por si só, seja o único elemento de influência na maior capacidade de realização de visitas pelas escolas.

O ranking dos dez bairros do município do Rio de Janeiro que

apresentaram maior número de visitas escolares ao Museu da Vida, independentemente das zonas a que pertencem, pode ser visto no Gráfico 9. Desta forma é possível obter maior precisão quanto à origem das escolas que fizeram das zonas Norte e Oeste as mais importantes na formação do público escolar do Museu da Vida no período de 1999 a 2008. Destacamos, no gráfico, a presença da vizinhança da Fiocruz (Maré-Manguinhos-Bonsucesso) na primeira posição, e do bairro de Botafogo (na sexta posição) como único representante da Zona Sul a figurar entre os dez bairros.

Gráfico 9 – Pesos relativos das dez localidades de onde se originaram as escolas que mais revisitaram o Museu – 1999 a 2008 (Total geral = 6.144 visitas escolares)



As frequências de visitas escolares apresentadas consideram também as repetições de visitas (*revisitas*), ou seja, se ao longo dos anos uma mesma escola visitou o Museu da Vida cinco vezes, são contadas cinco visitas escolares. Em outro momento deste trabalho – quando

apresentaremos as relações entre as escolas visitantes e o total das escolas – serão tratadas as informações referentes às escolas visitantes, independentemente da quantidade de vezes que retornaram.

Parte III

Como as Regiões Contribuíram para o Volume de Visitas Escolares ao Museu da Vida?

Cada região apresenta particularidades que podem auxiliar na visão mais pormenorizada dos dados de visitação. Ao analisarmos as regiões do Rio de Janeiro, observamos que, como também ocorre em outras cidades, há um quadro de heterogeneidade, consequência do desenvolvimento particular de cada uma delas. A situação socioeconômica das regiões reflete em parte o sentido histórico da ocupação da cidade desde o seu descobrimento: do Sudeste para o Oeste (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

Como forma de auxiliar na compreensão dos dados, optamos por incluir algumas referências sobre cada região, que podem ser históricas ou socioeconômicas. No caso do município do Rio de Janeiro, a pesquisa identificou os bairros de origem das escolas que visitaram o Museu da Vida, demonstrando em gráficos o peso relativo de cada um deles na composição das diferentes zonas. Em algumas regiões, a grande quantidade de bairros com baixa frequência de visitação escolar inviabiliza a exibição gráfica; por esse motivo, optamos por apresentar apenas os que se mostraram mais significativos, agregando os demais na categoria ‘Outros’.

SEÇÃO A – Todos os tipos de escolas, no período de 1999 a 2008

Zona Centro

A Zona Centro foi onde se iniciaram – no morro do Castelo – as atividades econômicas e sociais e o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, cuja fundação ocorreu em 1º de março de 1565, ao pé do Pão de Açúcar. No alto do morro do Castelo foram construídas a igreja de São Sebastião, o Colégio dos Jesuítas, a Cadeia e a Sede do Governo, com os seus foros, a Casa do Tesouro e as demais repartições da época. A Região Centro é, portanto, a origem da formação da cidade.

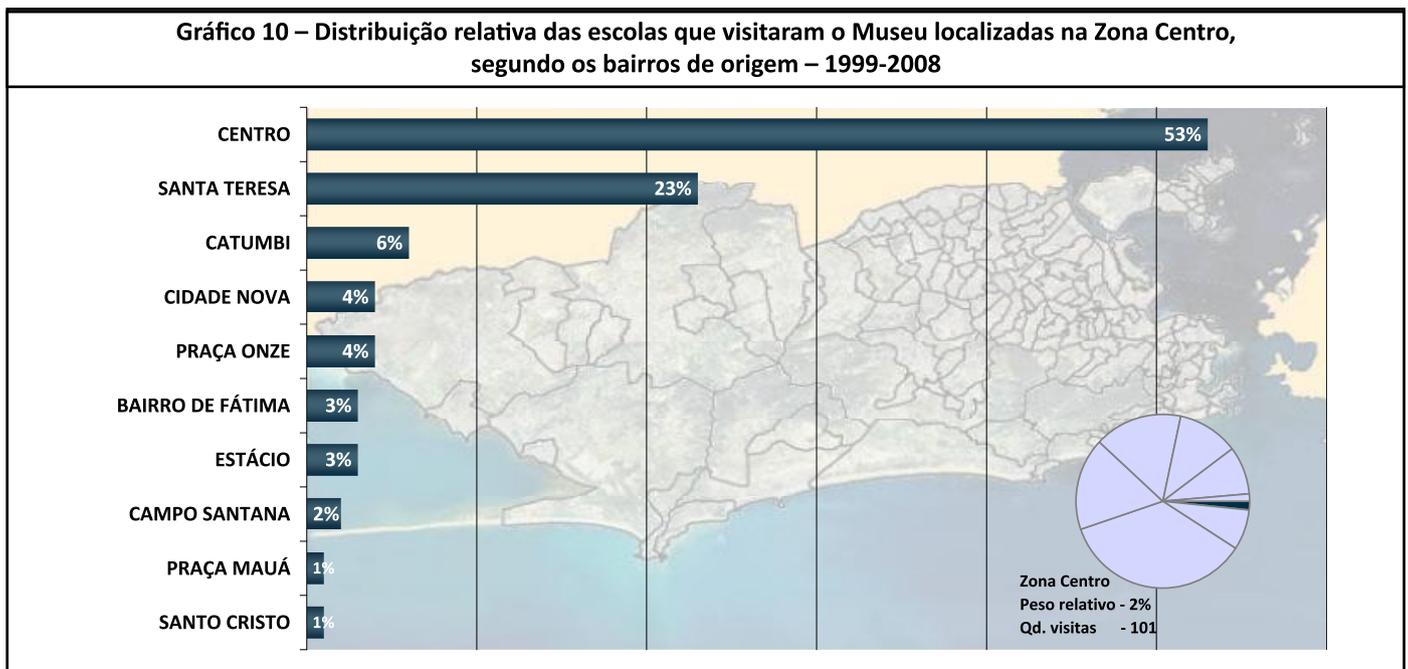
Depois de instalada no morro do Castelo, a população começou aos poucos a crescer, descendo as ladeiras e iniciando a ocupação das planícies localizadas entre os morros do Castelo e de Santo Antônio, de São Bento e da Conceição. Nas partes altas viviam as pessoas abastadas. Nas partes mais baixas viviam as pessoas de condição social inferior, inicialmente em terrenos próximos e depois nas áreas formadas por faixas de terra entre os pântanos e as lagoas insalubres, ocupadas de forma gradativa após sucessivos aterros.

Até meados do século XIX, apesar do meio urbano já consolidado, a Cidade ainda era modesta, em decorrência da inexistência de transportes coletivos – somente em 1844 foi organizado o serviço de transporte urbano com o uso de diligências – e da necessidade de defesa, que obrigavam os habitantes a permanecer próximos. Com a inauguração, em 1868, da primeira linha de bondes, o Centro passou a expandir suas funções.

No final do século XIX, o Centro estava saturado. Com a reforma urbana promovida pelo prefeito Pereira Passos, na primeira década do século XX, a região passou por uma transformação radical, abandonando definitivamente suas características coloniais, onde proliferavam cortiços e edificações degradadas, ruas estreitas e insalubres, para se apresentar como grande metrópole moderna. As maiores intervenções urbanas na Zona Centro foram o desmonte do Morro do Castelo e a abertura de largas avenidas (como a Rodrigues Alves, a atual avenida Rio Branco, a Beira-Mar, a Presidente Vargas e a avenida Brasil). Para a construção da avenida Presidente Vargas foram arrasados quarteirões inteiros, monumentos arquitetônicos e praças históricas. Bairros antigos, como Cidade Nova (denominação atual) e Estácio, foram modificados, surgindo com roupagem nova (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

Hoje a Zona Centro agrega alguns dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro. A região é o segundo centro financeiro do país e abriga maior número de prédios comerciais, museus, restaurantes tradicionais, centros de pesquisa e universidades do que qualquer outra região do município. Segundo o Censo 2000 (IBGE) residem na região 268.280 habitantes, e os dados demográficos indicam que a população da Região decresceu em 13% no período 1991/2000, o equivalente à perda de 35.415 moradores, a maior entre todas as regiões da cidade (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

Esse contínuo esvaziamento da população ao longo dos anos, aliado a uma menor quantidade de instituições de ensino (105), pode justificar o fato de a região ter registrado apenas 2% do total de visitas escolares ao Museu da Vida, o que corresponde a 101 visitas ao longo dos dez anos em questão. O Gráfico 10 mostra como ocorreu a participação relativa dos respectivos bairros na composição desse total. A maior parte das visitas foi originada do núcleo central da região, o coração financeiro e comercial da cidade, superando bairros de características mais residenciais, como Santa Tereza, Bairro de Fátima, Santo Criso e Estácio.



Fonte da imagem de fundo: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Instituto Pereira Passos, 2009. Disponível em: portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/imagens/blank.gif

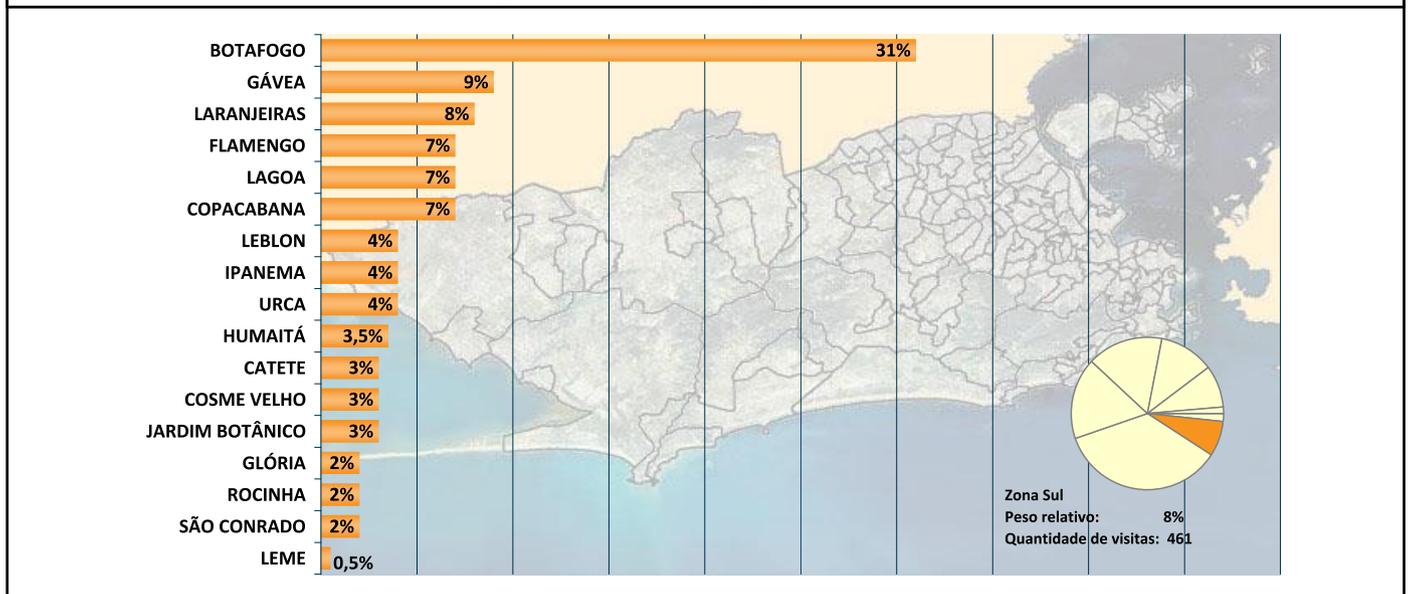
Zona Sul

Na Zona Sul residem 630.473 habitantes, segundo o Censo 2000 (IBGE). Sua densidade bruta de habitantes é a segunda maior entre as regiões que compõem o município do Rio de Janeiro. É formada por 18 bairros: Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Flamengo, Gávea, Glória, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Rocinha, São Conrado, Urca e Vidigal. Com elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH = 0,929), a região ocupa a primeira posição do município. Entre as dimensões que compõem o IDH, é a 1ª colocada em longevidade (IDH-L = 0,860), 2ª em educação (IDH-E = 0,971) e 1ª em renda (IDH-R = 0,957).

Embora sempre tenha apresentado os melhores indicadores socioeconômicos da cidade, na década de 1990 a Zona Sul sofreu um pequeno processo de esvaziamento populacional, com taxa negativa de 1,72% (pouco mais de 10 mil habitantes). Essa evasão demográfica alcançou 11 dos seus bairros e foi bastante acentuada em São Conrado (-22%), Urca (-16%) e Catete (-9%). Em compensação, os bairros da Rocinha, Vidigal, Gávea e Glória apresentaram os maiores aumentos de população da região na década, crescendo a taxas de 24%, 13%, 12% e 7%, respectivamente.

O processo de perda de população foi mais acentuado na segunda metade da década, entre 1996/2000 (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

Gráfico 11 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas na Zona Sul, segundo os bairros de origem – 1999-2008



Com 8% do total de visitas escolares, a Zona Sul tem o bairro de Botafogo como o que mais contribuiu com escolas visitantes ao Museu da Vida (31% do total dessa zona).

O bairro da Rocinha, entre a Gávea e São Conrado, é uma área de grande densidade populacional – mais de 56 mil habitantes, segundo o Censo/2000 (IBGE) – e alto grau de pobreza, o que marca um imenso contraste urbano na região (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Instituto Pereira Passos, 2002). A Rocinha está entre os bairros que menos participaram na composição das visitas escolares da Zona Sul, com apenas 2%.

Zona Norte

A Zona Norte é uma região de muitos contrastes. Ao mesmo tempo em que os bairros da Leopoldina, região onde também se localiza o *campus* da Fiocruz, apresentam a maior densidade populacional da cidade e um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH = 0,804), as área da Tijuca/Vila Isabel, do Grande Meier e da Ilha do Governador registram, respectivamente, o segundo (0,914), terceiro (0,858) e quarto (0,857) maiores IDHs entre os bairros da cidade.

Além de ter apresentado a maior participação relativa na composição do volume global de visitas escolares ao Museu da Vida (35%), a Zona Norte também mostrou níveis de frequência variados entre os bairros que a compõem. Na base de dados das escolas visitantes da Zona Norte constam 78 bairros diferentes, dos quais, no Gráfico 12,

apresentamos os 18 que registraram quantidades de visitas escolares superiores a 1,5% do total das visitas da região.

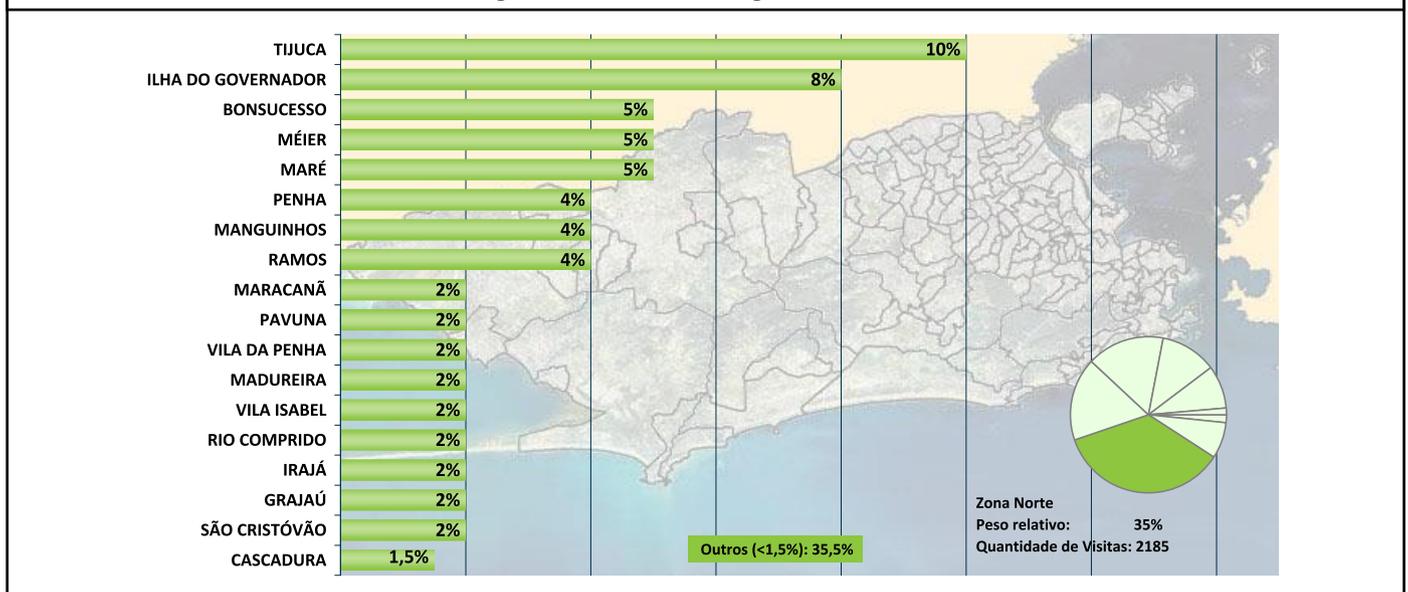
O bairro que apresentou maior percentual de visitas escolares ao Museu foi a Tijuca, com 10,4%. As diferenças quantitativas de um bairro para outro foram pequenas, não chegando a ultrapassar três pontos percentuais. A classe “Outros”, em razão da grande quantidade de bairros (60) que ficaram abaixo da linha de corte de 1,5%, acabou concentrando o elevado percentual de 36,2%.

Isto significa que a Zona Norte, além de ter sido a região que apresentou maior participação relativa no total de visitas escolares, também teve sua composição bem dividida entre os bairros. A abrangência, nesse caso, pode ser um sinal de que o Museu da Vida vem sendo utilizado pelas instituições de sua própria região, e essa apropriação vem ocorrendo de maneira equilibrada.

Outra observação importante é que dos bairros do entorno e da vizinhança da Fiocruz cinco aparecem no Gráfico 12, ou seja, com volume de visitas escolares iguais ou superiores a 2% do total da Zona Norte. São eles: Maré (4,6%), Bonsucesso (5,1%), Manguinhos (4,3%), Ramos (4%) e São Cristóvão (1,6%). Desses cinco bairros, três são da vizinhança da Fiocruz – Manguinhos, Maré e Bonsucesso –, e juntos representam 14% do volume de visitação escolar da Zona Norte, superando, assim, o bairro da Tijuca.

A Ilha do Governador (7,6%) aparece na segunda posição da Zona Norte e tem a particularidade de possuir a maior

Gráfico 12 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas na Zona Norte, segundo os bairros de origem – 1999-2008



extensão geográfica da região, o que favorece a sua divisão em sub-bairros, como: Jardim Guanabara, Galeão, Ribeira, Bancários, Cocotá, Cacuia, Tauá, Freguesia, Bananal e Zumbi, dentre outros. Neste estudo, consideramos a designação mais ampla de “Ilha do Governador”, agrupando todos os sub-bairros, para poder registrar a real dimensão e participação relativa dessa área, que também é próxima de Manguinhos e, portanto, de interesse como público-alvo do Museu da Vida.

Na parte inferior da lista (com menos de 1,5%, portanto não representados no Gráfico 12) aparecem bairros que também fazem parte do entorno de Manguinhos, como Jacaré, Maria da Graça e Rocha.

Zona Oeste

A Zona Oeste é a região dos bairros a oeste do Maciço da Tijuca. Ocupa mais da metade do município, possuindo principalmente duas vertentes: os bairros a norte do maciço da Pedra Branca (as redondezas de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz) e a sul, entre o maciço e o mar (Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes). É sempre citada nos livros de História por dois motivos: a invasão de piratas franceses em Guaratiba, em 1710, e as longas temporadas de D. João VI na antiga fazenda dos jesuítas, em Santa Cruz, no início do século XIX (Mansur, 2008).

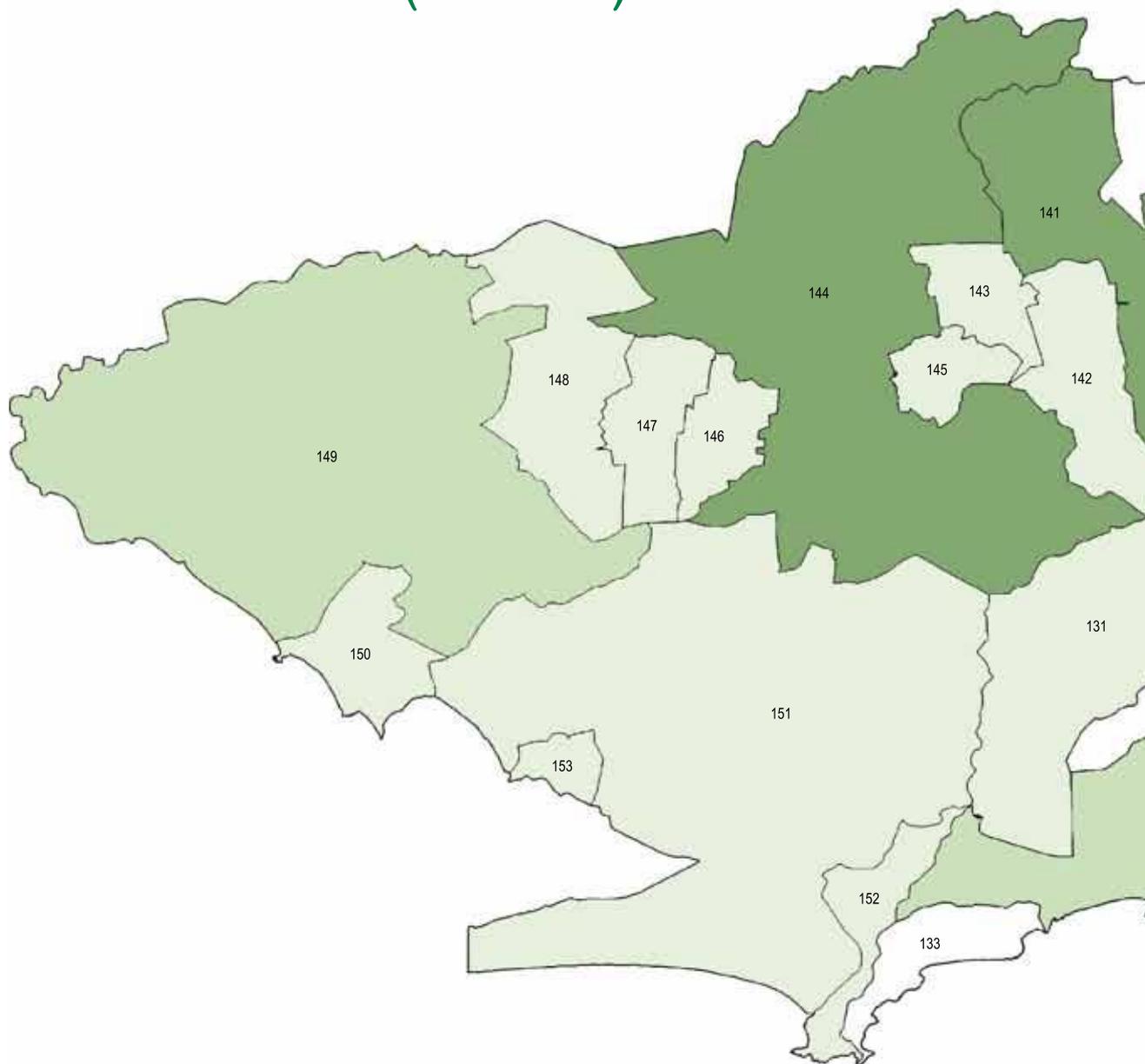
Ambas as vertentes (norte e sul) eram nitidamente rurais e pesqueiras. Seu desenvolvimento urbano ocorreu a partir do núcleo formado no entorno da Igreja de Nossa Senhora

do Desterro, importante porque oferecia água potável, de um poço que existia próximo a ela.

Durante todo o século XVIII a ocupação territorial mais efetiva ocorreu em Santa Cruz, por causa do engenho dos jesuítas, e nas proximidades do centro de Campo Grande, cujas terras compreendem hoje as regiões de Bangu e Jacarepaguá. O escoamento do cultivo da cana-de-açúcar e da produção de carne bovina era feito pela Estrada Real da Fazenda de Santa Cruz, que ia até São Cristóvão e se interligava com outros caminhos e vias fluviais da extensa Freguesia de Irajá, que chegavam até o centro da cidade. Toda a área, na realidade, era uma única região, um imenso sertão pontilhado por alguns núcleos nos pontos de encontro das vias de acesso, em torno dos engenhos e nos pequenos portos fluviais (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

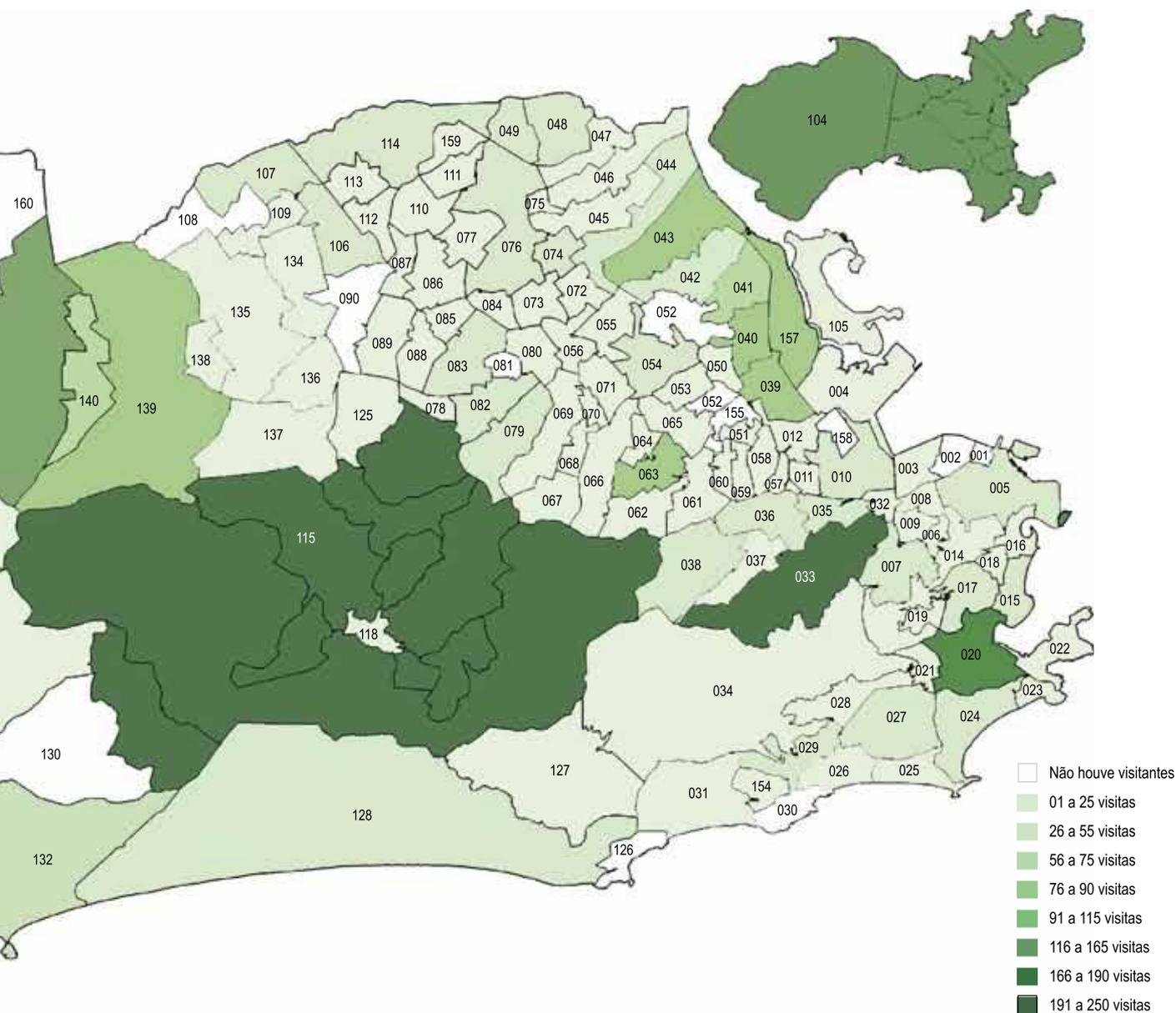
O problema do transporte teve soluções que impactaram de forma desigual as duas vertentes. Enquanto na vertente norte o transporte ferroviário, implantado na segunda metade do século XIX, facilitou o acesso ao centro da cidade, transformando a região de rural em urbana, a vertente sul não teve como vetor de seu crescimento qualquer sistema de transportes que facilitasse seu acesso a outras direções. Seu desenvolvimento esteve ligado à natureza empreendedora dos grandes proprietários de terras, que ao longo do tempo foram loteando e urbanizando os espaços, atraindo população e estabelecendo conexões viárias com o caminho construído pelos jesuítas desde a região de Guaratiba.

Distribuição por Bairros das Visitas Escolares ao Museu da Vida (1999-2008)



Legenda dos Bairros

- | | | | | |
|---------------------------------|------------------------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------------|
| 001 - Saúde | 013 - Paquetá (não consta no mapa) | 026 - Leblon | 039 - Manguinhos | 054 - Inhaúma |
| 002 - Gamboa | 014 - Santa Teresa | 027 - Lagoa | 040 - Bonsucesso | 055 - Engenho da Rainha |
| 003 - Santo Cristo | 015 - Flamengo | 028 - Jardim Botânico | 041 - Ramos | 056 - Tomás Coelho |
| 004 - Caju | 016 - Glória | 029 - Gávea | 042 - Olaria | 051 - Jacaré |
| 005 - Centro | 017 - Laranjeiras | 030 - Vidigal | 043 - Penha | 057 - São Francisco Xavier |
| 006 - Catumbi | 018 - Catete | 031 - São Conrado | 044 - Penha Circular | 058 - Rocha |
| 007 - Rio Comprido | 019 - Cosme Velho | 032 - Praça da Bandeira | 045 - Brás de Pina | 059 - Riachuelo |
| 008 - Cidade Nova | 020 - Botafogo | 033 - Tijuca | 046 - Cordovil | 060 - Sampaio |
| 009 - Estácio | 021 - Humaitá | 034 - Alto da Boa Vista | 047 - Parada de Lucas | 061 - Engenho Novo |
| 010 - Imperial de São Cristóvão | 022 - Urca | 035 - Maracanã | 048 - Vigário Geral | 062 - Lins de Vasconcelos |
| 011 - Mangueira | 023 - Leme | 036 - Vila Isabel | 049 - Jardim América | 063 - Méier |
| 012 - Benfica | 024 - Copacabana | 037 - Andaraí | 050 - Higienópolis | 064 - Todos os Santos |
| | 025 - Ipanema | 038 - Grajaú | 052 - Maria da Graça | 065 - Cachambi |
| | | 154 - Rocinha | 053 - Del Castilho | 066 - Engenho de Dentro |



- | | | | | |
|---------------------------|----------------------------|------------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| 067 - Água Santa | 081 - Engenheiro Leal | 108 - Parque Anchieta | 127 - Itanhangá | 146 - Inhoaíba |
| 068 - Encantado | 082 - Cascadura | 109 - Ricardo de Albuquerque | 128 - Barra da Tijuca | 147 - Cosmos |
| 069 - Piedade | 083 - Madureira | 110 - Coelho Neto | 129 - Camorim | 148 - Paciência |
| 070 - Abolição | 084 - Vaz Lobo | 111 - Acari | 130 - Vargem Pequena | 149 - Santa Cruz |
| 071 - Pilares | 085 - Turiçu | 112 - Barros Filho | 131 - Vargem Grande | 150 - Sepetiba |
| 072 - Vila Cosmos | 086 - Rocha Miranda | 113 - Costa Barros | 132 - Recreio dos Bandeirantes | 151 - Guaratiba |
| 073 - Vicente de Carvalho | 087 - Honório Gurgel | 114 - Pavuna | 133 - Grumari | 152 - Barra de Guaratiba |
| 074 - Vila da Penha | 088 - Oswaldo Cruz | 115 - Parque Colúmbia | 118 - Cidade de Deus | 153 - Pedra de Guaratiba |
| 075 - Vista Alegre | 089 - Bento Ribeiro | 155 - Jacarezinho | 140 - Padre Miguel | 134 - Deodoro |
| 076 - Irajá | 090 - Marechal Hermes | 156 - Complexo do Alemão | 141 - Bangu | 135 - Vila Militar |
| 077 - Colégio | 104 - Ilha do Governador | 157 - Maré | 142 - Senador Camará | 136 - Campo dos Afonsos |
| 078 - Campinho | 105 - Cidade Universitária | 115 - Jacarepaguá | 143 - Santíssimo | 137 - Jardim Sulacap |
| 079 - Quintino Bocaiúva | 106 - Guadalupe | 125 - Vila Valqueire | 144 - Campo Grande | 138 - Magalhães Bastos |
| 080 - Cavalcanti | 107 - Anchieta | 126 - Joá | 145 - Senador Vasconcelos | 139 - Realengo |

A concentração de grandes extensões de terras em mãos de poucos foi uma das causas do lento crescimento local da região da Barra da Tijuca, que historicamente foi ligada à Zona Norte. Sua ocupação se intensificou a partir da década de 1950, com a abertura de vias de acesso ligando a região à Tijuca e à Zona Sul, como a estrada Grajaú-Jacarepaguá (avenida Menezes Cortes) e a avenida Niemeyer (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

Desde a segunda metade do século XIX o eixo Rio-São Paulo já configurava uma estrutura econômica voltada para o setor industrial. Na última década daquele século, a instalação da Fábrica Bangu e a implantação de unidades militares em Bangu e Realengo afetaram toda a região (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009).

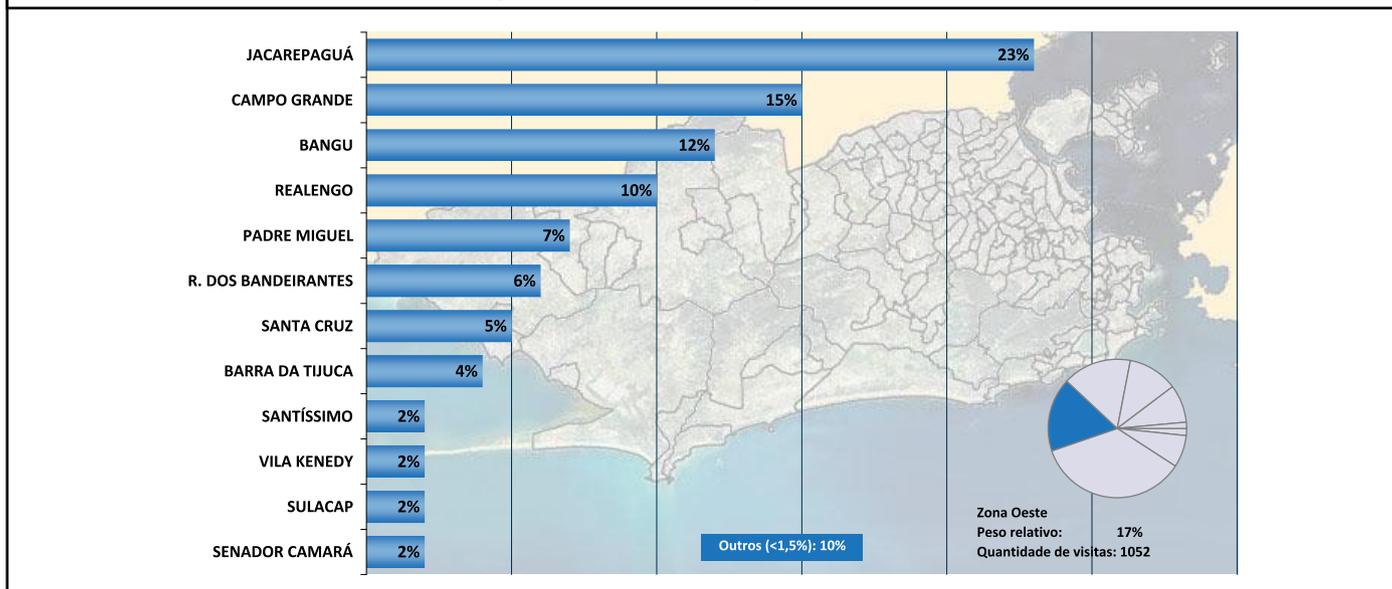
Na década de 1930 a Estrada Rio-São Paulo e, em 1946, a abertura da avenida Brasil integraram a Zona Oeste ao tecido urbano da cidade, acentuando seu adensamento. Mas a nova via, criada para escoar a produção das indústrias cariocas, não teve o fluxo esperado. A criação da rodovia Presidente Dutra, ligando as duas capitais, desviou o fluxo de mercadorias para outra direção,

reduzindo o ritmo de crescimento da região, em termos de população e de desenvolvimento industrial.

A Zona Oeste, em termos de desenvolvimento humano, curiosamente tem a região com o menor IDH da cidade (0,766) – Campo Grande e seus arredores – e o quinto maior IDH (0,855), na região da Barra da Tijuca e arredores. Os dados demográficos indicam que na Zona Oeste foram registradas as maiores taxas de crescimento, e é lá que se localiza o maior contingente populacional da cidade. Diante da grande extensão territorial, a densidade bruta de habitantes por hectare é a menor entre todas as regiões.

A região de Jacarepaguá, com uma das menores densidades brutas de habitantes (39,7 habitantes por hectare) foi, da Zona Oeste, a que forneceu o maior volume de visitas escolares ao Museu da Vida (24% das visitas dessa zona). Assim como ocorre com a Ilha do Governador, Jacarepaguá, pela sua grande extensão, reúne vários sub-bairros: Taquara, Freguesia, Tanque, Praça Seca e Curicica, entre outros. Para este estudo optamos por utilizar o agrupamento geral “Jacarepaguá”.

Gráfico 13 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas na Zona Oeste, segundo os bairros de origem – 1999-2008



Os bairros da vertente norte (como Campo Grande, Bangu, Realengo, Padre Miguel, Santa Cruz e outros) compõem 62% das visitas escolares ao Museu da Vida, enquanto os

da vertente Sul (Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes) somam 38%.

Grande Rio – Baixada Fluminense

Segundo José Cláudio Alves (1998), a Baixada Fluminense pode ter diferentes conformações, em função dos conceitos adotados. Esse autor aponta como exemplos diferentes critérios, como os da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Fundrem), que privilegiam o grau de urbanização e densidade populacional, em contraposição ao critério geográfico que considera como Baixada Fluminense a região de planícies que se estende entre o litoral e a Serra do Mar, do município de Campos dos Goytacazes, no extremo norte, até o de Itaguaí, próximo à cidade do Rio de Janeiro. Outro conceito citado pelo autor é conhecido como “Recôncavo da Guanabara”, considerando a região do entorno dessa baía e definindo como extremos os municípios de Cachoeiras de Macacu (extremo norte) e Itaguaí. Diferentes recortes utilizaram, ainda, os elementos sociais, econômicos ou políticos, como os movimentos de camponeses, a violência, a industrialização, os conflitos das áreas rurais etc. Como aponta Alves: “O que fica evidente, portanto, é que de acordo com os objetivos da análise, mesmo no estrito campo geográfico, as fronteiras da região ora se ampliam ora se encurtam” (Alves, 1998).

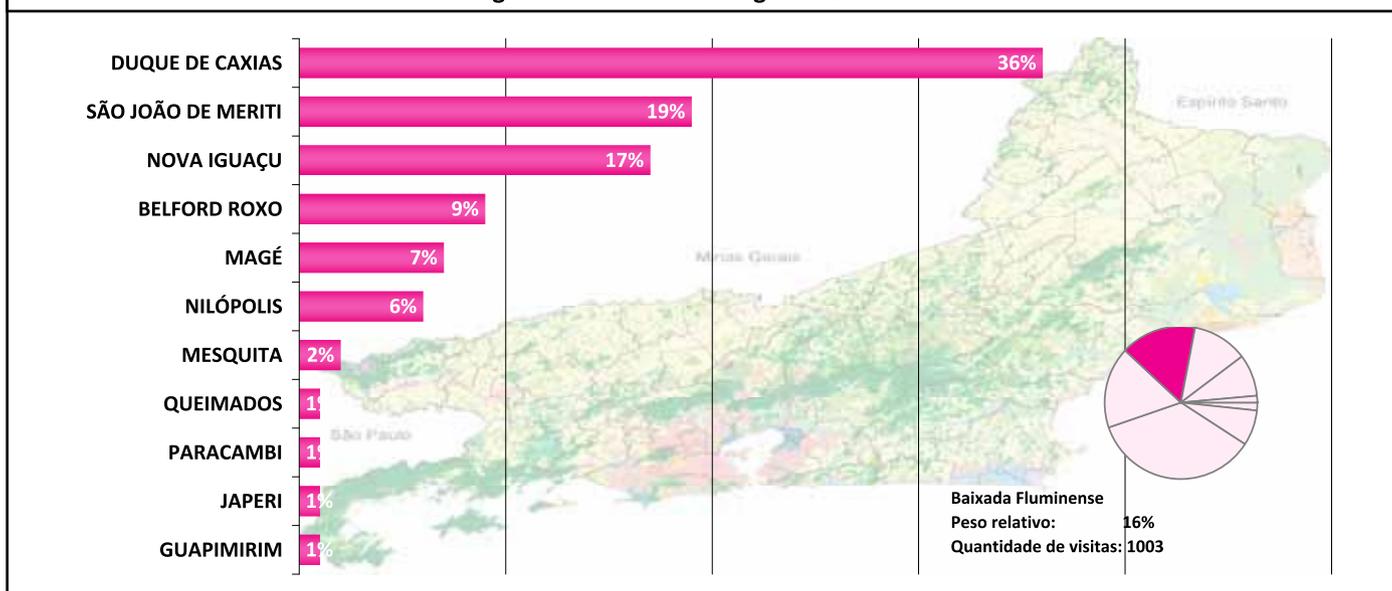
Na década de 1970 a fusão entre os estados da Guanabara e do Rio de Janeiro trouxe como questão política e econômica central a construção do que seria a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Grande Rio). A concepção que se tornou central foi a que interpretava o Grande Rio com base na relação núcleo-periferia. Dessa forma, a Baixada deixa de ser uma área incorporada geograficamente e assume o conceito urbanístico de *periferia* (Alves, 1998).

Nesta pesquisa optamos por utilizar o critério mais aceito pelo senso comum, tomando por base a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Desse modo, a Baixada Fluminense será representada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Magé, Nilópolis, Mesquita, Queimados, Paracambi, Japeri e Guapimirim. Ficam de fora do escopo dessa região os seguintes municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Seropédica e Tanguá.

Com seus 3,5 milhões de habitantes e IDH de 0,816 (médio), a Baixada Fluminense teve um processo de ocupação bastante diferenciado das demais regiões metropolitanas das capitais dos estados brasileiros. O Rio de Janeiro cresceu e se tornou capital política, econômica, social, cultural e turística, graças à existência de uma grande baía e, no seu entorno, uma grande malha hidroviária que foi importante no passado. A seguir veio a ferrovia, e hoje a região é cortada por duas grandes rodovias nacionais: a Presidente Dutra e a Washington Luiz (Torres, 2009b). Nessa expansão,

O Rio de Janeiro, por ter sido capital desde a colônia sempre somou um grande número e cada vez mais crescente de equipamentos culturais, como museus, salas de teatro, de música, centros esportivos, centros de convenções e demais órgãos e instituições que se dedicam às atividades ligadas à cultura. (Torres, 2009a)

Gráfico 14 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas na Baixada Fluminense, segundo as cidades de origem – 1999-2008



Fonte da imagem de fundo: Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (Cide).

Empatando com a Zona Oeste da capital, a Baixada Fluminense foi responsável por 17% do volume de visitas escolares ao Museu da Vida. Duque de Caxias (37%) foi o município de maior destaque, respondendo por mais de um terço das visitas da região. Essa participação relativa foi expressiva, se considerarmos que representa quase o dobro das visitas do município assinalado em seguida, São João de Meriti, que obteve 19% e superou Nova Iguaçu, com 17%.

Este *ranking* é interessante pelo posicionamento de São João de Meriti. Em segundo lugar, o município superou alguns com melhor condição econômica, como Nova Iguaçu e Belford Roxo (a Tabela 4 mostra diversos indicadores sociais, econômicos e geográficos dos municípios da Baixada Fluminense). O que poderia ter favorecido o posicionamento de São João de Meriti no *ranking* de visitação escolar ao Museu da Vida? É possível que o fator “distância da capital” tenha influenciado, pois Meriti e Duque de Caxias são os municípios mais próximos ao Museu da Vida.

Tabela 4 – Comparativo de indicadores socioeconômicos e geográficos da Baixada Fluminense

Município	Área territorial (km ²)	População (2008)	PIB (2005) em milhares de R\$	IDH-M (2000)	Distância da Capital (km)
Duque de Caxias	465	864.392	18.309.545	0,753	21
Nova Iguaçu	524	855.500	5.764.270	0,762	37
Belford Roxo	80	495.694	2.989.323	0,742	31
São João de Meriti	35	468.309	2.791.700	0,774	25
Magé	386	240.940	1.240.884	0,746	40
Nilópolis	19	159.005	1.004.996	0,788	30
Mesquita	35	187.949	993.326	*	33
Queimados	77	137.870	933.772	0,732	52
Japeri	83	100.055	397.233	0,724	68
Guapimirim	361	49.748	300.325	0,739	57
Paracambi	179	44.629	280.434	0,771	77

Fontes: pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_do_Rio_de_Janeiro; Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias, disponível em: www.abcr.org.br/geode/index.php?uf1=RJ&po=1&uf2=MG&ori=6491&des=3246.

* Mesquita não teve IDH-M estimado, pois foi criado ao final de 1999, quando se emancipou de Nova Iguaçu.

Grande Rio – Outros municípios

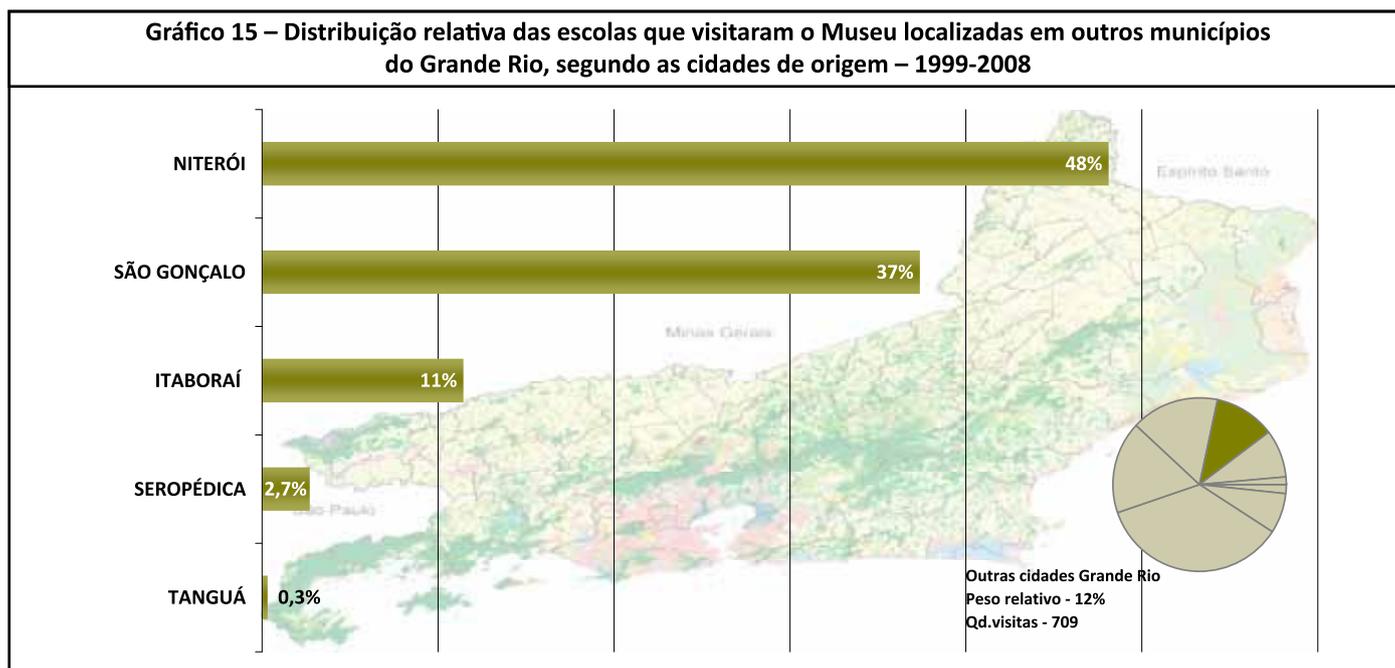
Dos demais municípios que compõem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo

são os que apresentam maior destaque na visitação escolar ao Museu da Vida. Niterói ocupou a posição de capital do estado do Rio de Janeiro até a fusão deste com o estado da Guanabara, em 1975. No ano anterior havia ocorrido outro evento marcante para o crescimento econômico da cidade, a inauguração da ponte ligando Niterói ao Rio de Janeiro. Segundo Barata et al. (2008), essa “proximidade geográfica com o Rio de Janeiro determinou profunda vinculação histórica, econômica e política entre as duas cidades”. Mesmo perdendo a condição de capital, Niterói manteve seu ritmo de desenvolvimento, chegando a registrar o terceiro melhor IDH do Brasil. Até a inauguração da Ponte Rio-Niterói, a ligação entre as duas cidades era realizada por travessia marítima, que incluía o transporte de veículos.

O transporte ferroviário ainda existe, embora decadente, ligando Niterói a Itaboraí, passando por São Gonçalo. A estrada de ferro veio substituir os transportes fluviais a partir da segunda metade do século XIX e ajudou, assim, a consolidar a importância econômica desses municípios, por onde fluía a produção de gêneros do norte fluminense. São Gonçalo chegou a ter, nas décadas de 1940 e 1950, o maior parque industrial de todo o estado do Rio de Janeiro, recebendo o apelido de Manchester Fluminense, em alusão à cidade industrial inglesa (Barata et al., 2008). A região entrou em decadência após a libertação dos escravos, que atingiu a produção da maioria das fazendas. O crescimento econômico de Niterói e a implantação da estação de comunicações da estatal Embratel, em 1969, contribuíram para o processo de recuperação de Itaboraí e Tanguá – esta recentemente emancipada de Itaboraí – que atualmente recebem novo impulso em razão da implantação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro.

Na direção sul, a região de Seropédica – “local onde se trata a seda”⁹ – iniciou seu desenvolvimento urbano com a construção da antiga estrada ligando Rio e São Paulo (hoje, BR-465). A dificuldade de acesso aos centros mais desenvolvidos retardou o crescimento do local, que só dispunha de uma ligação ferroviária precária e uma estrada de terra para comunicação com a cidade do Rio de Janeiro. A abertura da Rodovia Rio-Santos, no início da década de 1970, e a emancipação do município em 1995 mudaram o cenário, estimulando o adensamento populacional da região. Ainda assim, Seropédica mantém a característica de cidade-dormitório, financeiramente dependente dos municípios vizinhos e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cujo *campus* foi

⁹ Seropédica era conhecida por produzir a melhor seda do mundo. Em artigo publicado no *Jornal do Comércio* da época, ilustrações documentam o trabalho realizado na fazenda Seropédica do Bananal de Itaguaí e consta a qualificação de “melhor seda do mundo”.



transferido para a margem da antiga rodovia Rio-São Paulo em 1948.

O volume de visitação escolar ao Museu da Vida originada desta área (Outros Municípios do Grande Rio) representou 12% do total registrado no período 1999-2008, dos quais a maioria absoluta (85%) veio dos municípios de Niterói e São Gonçalo. A exemplo da comparação elaborada para a Baixada Fluminense, os outros municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro também apresentam informações interessantes, como se vê na Tabela 5.

Tabela 5 – Comparativo de indicadores socioeconômicos e geográficos dos outros municípios do Grande Rio

Município	Área territorial (km²)	População (2008)	PIB (2005) em milhares de R\$	IDH-M (2000)	Distância da Capital (km)
Niterói	129	477.912	6.884.677	0,886	14
São Gonçalo	249	982.832	6.379.169	0,782	23
Itaboraí	424	225.309	1.246.066	0,737	51
Seropédica	284	77.618	420.486	0,759	69
Tanguá	147	30.139	169.044	0,722	69

O ordenamento do *ranking* das visitas escolares corresponde exatamente ao ordenamento dos municípios desta região em relação ao PIB. Também o ordenamento em relação à distância à Capital é semelhante.

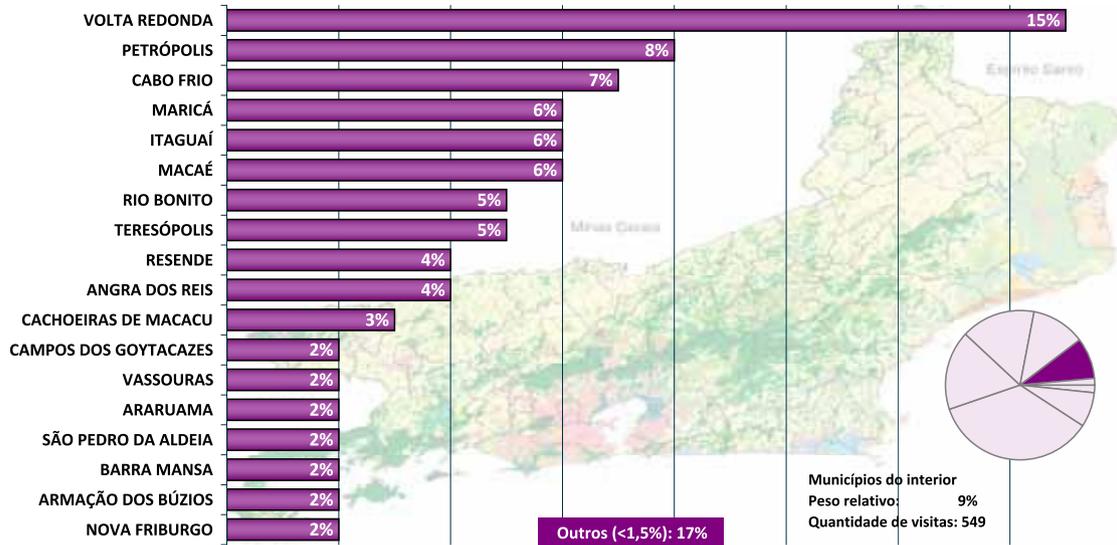
Municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro

Superando as visitas realizadas pelas escolas da Zona Sul – que atingiram 8% –, o peso relativo formado pelas visitas escolares dos municípios do interior do estado, ou seja, aqueles fora do perímetro do Grande Rio, mostra que, diferentemente do que se percebeu na Região Metropolitana, o Museu da Vida tem uma capacidade importante de despertar o interesse das escolas, mesmo as localizadas a grande distância.

Observa-se que, apesar de estar mais próxima da capital, a cidade de Petrópolis (67 km) teve quase a metade do volume de visitas escolares de Volta Redonda (117 km), e apenas 1% a mais que o volume de Cabo Frio (143 km). Da mesma forma, Maricá (51 km) posicionou-se em igualdade de participação relativa com Macaé (182 km) e Itaguaí (75 km). Assim, no caso dos municípios do interior a distância não parece ser um fator fundamental para dificultar a visitação das escolas, como se observou nas regiões estudadas anteriormente. Outros fatores podem ter influenciado na decisão de visita, como as forças políticas municipais, o investimento em cultura e educação e a oferta cultural de proximidade.

O desempenho diferenciado de Volta Redonda como local de origem de escolas que visitaram o Museu da Vida, em relação aos demais municípios do interior do Rio de Janeiro, merece um estudo mais aprofundado, porque além de contrariar a lógica da distância do Museu da Vida, também não se explica pelo poder socioeconômico. A

Gráfico 16 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas em municípios do Interior do Estado do Rio de Janeiro, segundo as cidades de origem

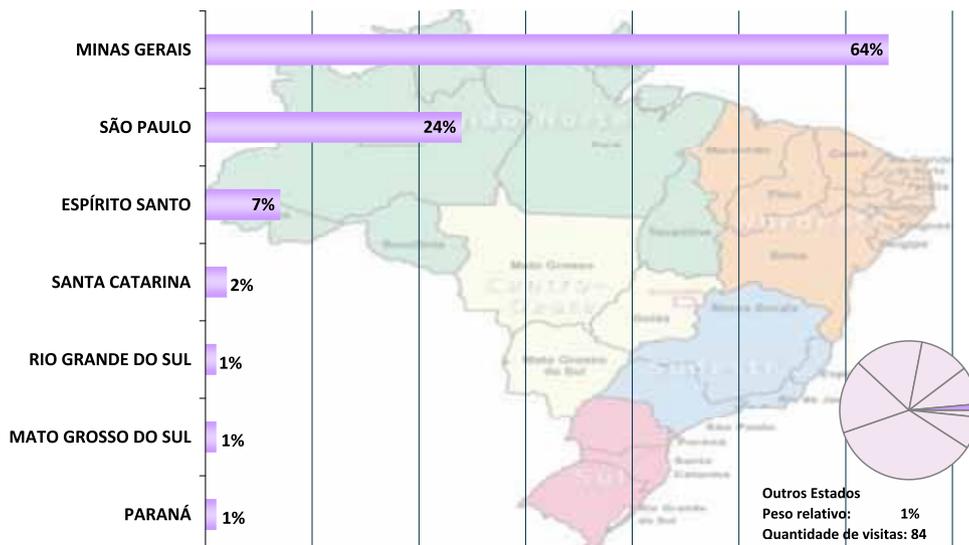


despeito de ser classificada como a maior cidade da região Sul Fluminense e a terceira maior do interior do estado, de acordo com a estimativa de populações residentes do IBGE (2009), Volta Redonda superou em muito as visitas escolares provenientes de Campos dos Goytacazes, que é a maior cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, e Resende, que possui o segundo maior PIB da região Sul Fluminense.

Outros estados

Em termos globais, o volume de visitação escolar proveniente de outros estados brasileiros é pequeno (1%), com 84 visitas ao longo do período analisado. Nesse contingente, é interessante notar que não apenas os estados da região sudeste (Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo) marcaram presença nas visitas escolares, mas também todos os estados da região Sul e também o Mato Grosso do Sul.

Gráfico 17 – Distribuição relativa das escolas que visitaram o Museu localizadas em outros estados



Fonte da imagem de fundo: Ministério da Saúde. Disponível em: 189.28.128.100/portal/arquivos/jpg/mapa_brasil_segep_2007.jpg

SEÇÃO B – Somente escolas públicas do município do Rio de Janeiro, de 1999 a 2008

Um dos principais objetivos do Museu da Vida é o atendimento às escolas, e, dentre elas, a rede pública merece interesse especial, no sentido de acompanhamento e estímulo, sobretudo em função das conhecidas carências de recursos e infraestrutura, em comparação às escolas particulares.

Em 1996, no 1º Seminário do Museu da Vida com as Unidades da Fiocruz, Paulo Gadelha durante o debate evidenciava a preocupação com esse público:

a região que a gente está trabalhando é uma das que mais concentra escolas públicas, com toda a carência que isso tem ... Os circuitos [de visitação] integrados, acompanhados num nível escolar, estariam totalmente ordenados e trabalhados com os processos de adequação pedagógica à realidade escolar do estado, adequação do treinamento de professores, para que eles sejam agentes do processo de visita aos museus e ordenamento de

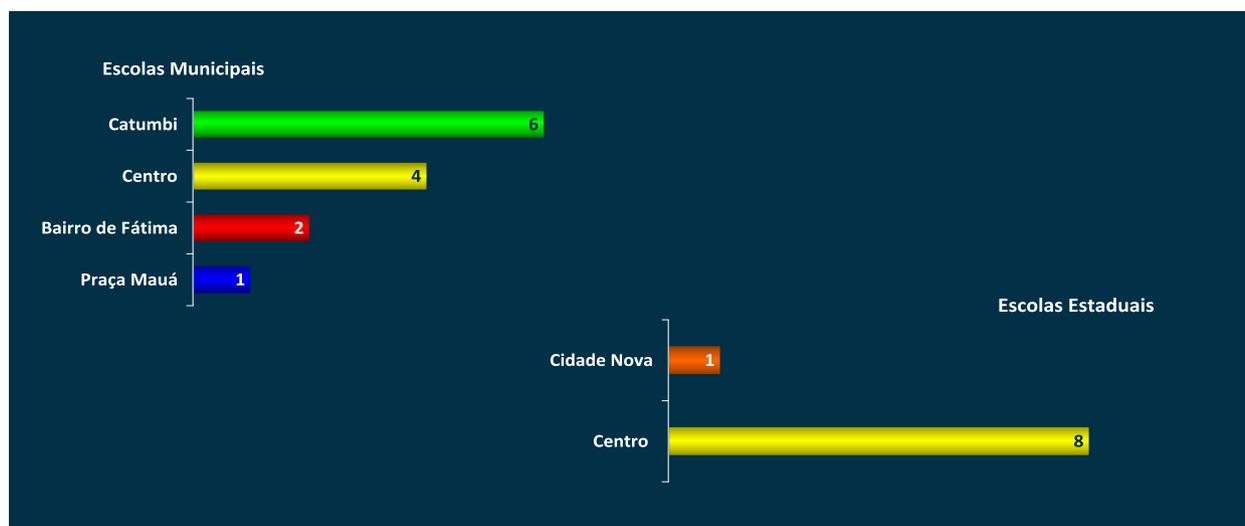
circuitos escolares, onde as Secretarias municipal e estadual estariam totalmente envolvidas. E ... a carência é tão grande! Qualquer coisa que você faça hoje nessa área, por mais improvisada, tem uma demanda imensa.

Diante dessa preocupação, é importante apresentar os dados com foco nesse grupo específico, de modo a tentar compreender e identificar as origens desses visitantes. Adiante apresentaremos os gráficos comparando os bairros de origem das escolas públicas que realizaram visitas, separando-as pelo tipo das escolas em cada área geográfica. A abordagem considera apenas as visitas das escolas localizadas no município do Rio de Janeiro.

Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Centro

Na Zona Centro, as escolas estaduais que visitaram o Museu da Vida se concentraram no núcleo da região. Já em relação à rede municipal, embora com marcante participação relativa desse núcleo, o bairro do Catumbi despontou com quase metade da visitação escolar.

Gráfico 18 – Total de visitas das escolas públicas da Zona Centro, segundo os tipos de dependência e os respectivos bairros de origem – 1999 a 2008



Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Sul

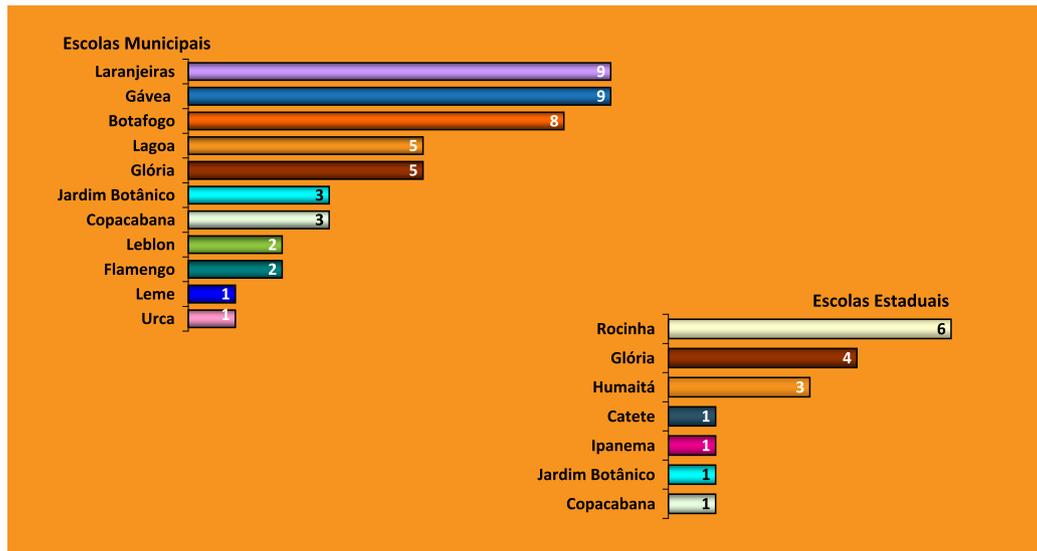
A Zona Sul foi origem de 48 visitas de escolas municipais ao Museu. O Gráfico 19 demonstra que Laranjeiras, Gávea e Botafogo foram os bairros de onde se originaram mais da metade delas (26, correspondentes a 54% das visitas escolares municipais daquela zona).

Em relação às visitas escolares de escolas estaduais, a participação da Zona Sul, com 17 ocorrências, foi pequena. A Rocinha assumiu importante papel, com seis visitas, representando 34% do total de visitas de escolas estaduais da região. Na sequência os bairros da Glória (4 visitas) e Humaitá (3 visitas), cobriram 41% do total. Observe-se que, tanto no caso da rede municipal quanto no da rede

estadual, dois bairros tradicionais e densamente povoados da Zona Sul – Copacabana e Jardim Botânico – mantiveram

discreta participação relativa, ambos com 6% em ambas as distribuições.

Gráfico 19 – Total de visitas das escolas públicas da Zona Sul segundo os tipos de dependência e os respectivos bairros de origem – 1999 a 2008



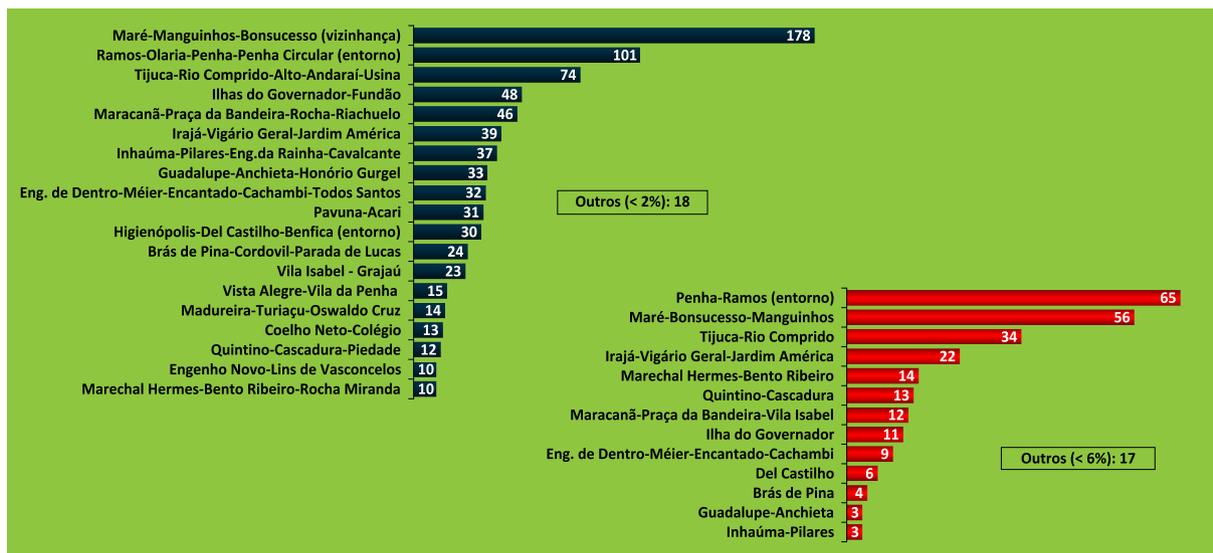
Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Norte

A Zona Norte apresentou uma distribuição mais generalizada que as demais regiões, certamente em decorrência da maior quantidade de bairros existentes.

Observamos no Gráfico 20 que, no caso das escolas

municipais, as maiores frequências de visitas escolares provenientes da Zona Norte foram de escolas da vizinhança e do entorno da Fiocruz. A participação das escolas de Maré-Manguinhos-Bonsucesso (178) é maior do que a registrada para os bairros do grupo da Tijuca (74) e das Ilhas do Governador e Fundão (48), bairros de grande

Gráfico 20 – Total de visitas das escolas públicas da Zona Norte segundo os tipos de dependência e os respectivos bairros de origem – 1999 a 2008



Observação: por motivo de espaço e clareza, agrupamos alguns bairros de acordo com as suas proximidades.

extensão territorial e densidade demográfica e elevado padrão socioeconômico. Sendo assim, cabe afirmar que sob o enfoque das visitas escolares de escolas municipais, o Museu da Vida vem cumprindo uma de suas metas originais, que é a de se tornar uma opção para esse tipo de público. No entanto, diante da ausência de parâmetros de comparação, não podemos assegurar que em termos absolutos o volume de visitação dessas escolas tenha atingido seu melhor patamar.

No caso das visitas realizadas pelas escolas públicas estaduais, confirma-se a situação das escolas municipais, com as duas primeiras posições ocupadas por bairros do entorno e da vizinhança, nesta ordem. O grupo Penha-Ramos surge como líder no gráfico da Zona Norte, com 65 visitas, correspondendo a 24% de participação relativa. Em seguida aparecem os bairros Maré-Bonsucesso-Manguinhos (participação relativa de 21%), componentes da vizinhança do *campus* da Fiocruz.

A presença dos bairros da vizinhança e do entorno da Fiocruz nas duas primeiras posições é significativa, sobretudo porque eles representam quase a metade (121) do total de visitas das escolas estaduais da Zona Norte (269). Novamente a região formada pelos bairros do grupo da Tijuca, com 34 visitas (que correspondem a 13% das visitas

de escolas da rede estadual originadas na Zona Norte) ocupa a terceira posição, com 61% das visitas escolares originadas nos bairros do grupo que ocupa o segundo lugar.

Visitas escolares das escolas públicas municipais e estaduais da Zona Oeste

Os quatro primeiros bairros em termos de visitação de escolas municipais da Zona Oeste – região que totalizou 398 visitas – representam mais da metade (58%) do volume desse grupo. Jacarepaguá lidera com 73 visitas (18%) e, na sequência, Bangu, com 63 (16%), Realengo com 51 (13%) e Campo Grande com 45 (11%), todas estas diferenças pequenas, de uma para a outra.

Os bairros mais próximos ao litoral – Barra da Tijuca (6 visitas) e Recreio dos Bandeirantes (4 visitas) – apresentaram peso relativo pequeno na lista da rede municipal, com 1% e 1,5%, respectivamente, acompanhados do bairro da Cidade de Deus (também 6 visitas, 1,5%). As baixas frequências de visitas escolares de instituições municipais provenientes da Barra e do Recreio dos Bandeirantes permitem supor que a condição socioeconômica da população local, em si, não seja um fator significativo para influenciar a visitação.

Gráfico 21 – Total de visitas das escolas públicas da Zona Oeste segundo os tipos de dependência e os respectivos bairros de origem – 1999 a 2008



Os dados relacionados às visitas das escolas estaduais mostram semelhanças com a rede municipal, no que tange ao destaque de algumas localidades. Bangu com 19 visitas (24%), Campo Grande com 14 visitas (18%) e Jacarepaguá

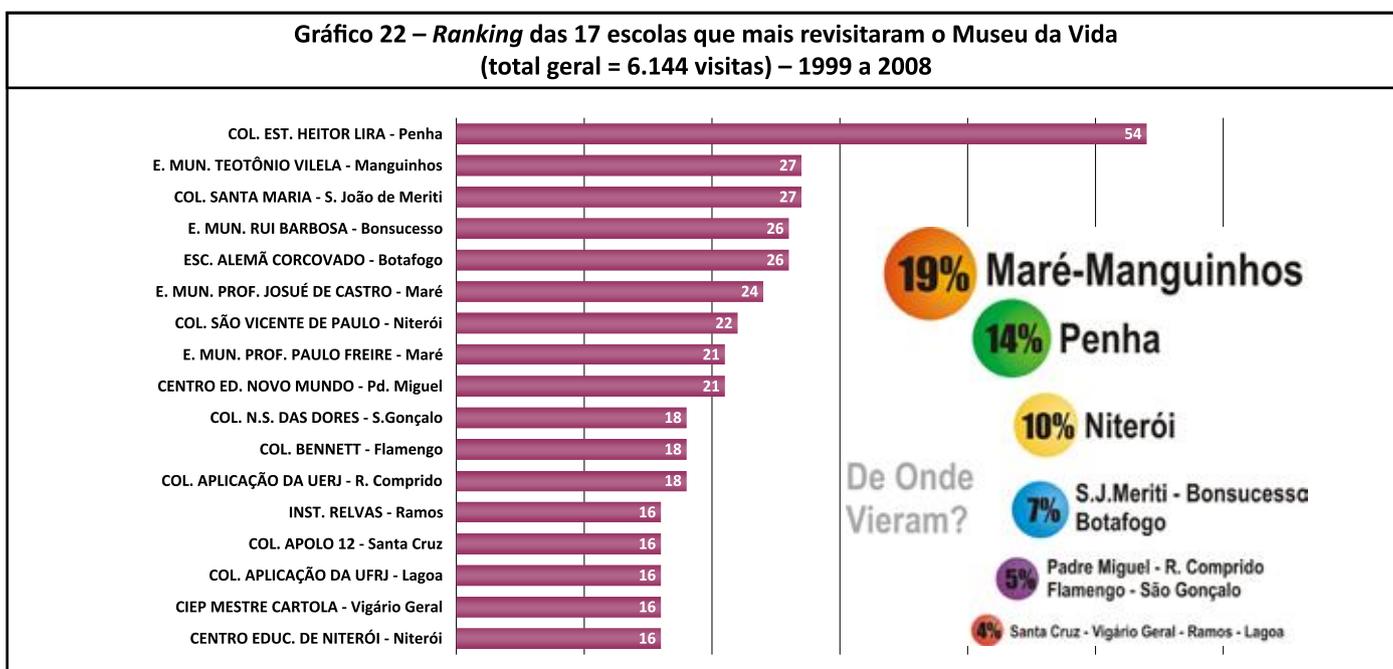
com 11 visitas (14%) continuam ocupando as primeiras posições, enquanto a Barra da Tijuca (3%) e Cidade de Deus (1%), com duas visitas e uma, respectivamente, permanecem com baixas participações.

Parte IV

Revisitas: de onde vieram as Escolas que mais retornaram ao Museu da Vida

As visitas registradas na base de dados mostram que muitas escolas retornaram ao Museu da Vida, com diferentes frequências. Do ponto de vista das revisitas, elaboramos *rankings* que mostram os bairros de origem das escolas que mais vezes retornaram ao Museu.

O Gráfico 22 apresenta um *ranking* geral, isto é, independente do tipo de escolas ou macrorregiões de origem, com as 17 escolas que mais repetiram visitas ao Museu da Vida. O limite que fixou a extensão do *ranking* das escolas foi o número de visitas, acima de 15.



Em primeiro lugar, com ampla vantagem, destaca-se a Escola Estadual Heitor Lira (54), com o dobro do número de visitas realizadas pela Escola Municipal Teotônio Vilela e pelo Colégio Santa Maria, ambas em segundo lugar, com 27 cada uma.

Das 17 escolas, quatro situam-se na vizinhança da Fiocruz: Escola Municipal Teotônio Vilela (27), Escola Municipal Rui Barbosa (26), Escola Municipal Prof. Josué de Castro (24) e Escola Municipal Prof. Paulo Freire (21). Essa presença torna Maré-Manguinhos-Bonsucesso a região que mais se destacou entre as escolas que visitaram a Fiocruz por mais de 15 vezes. Na sequência aparece o bairro da Penha, impulsionado pela expressiva participação da Escola Estadual Heitor Lira.

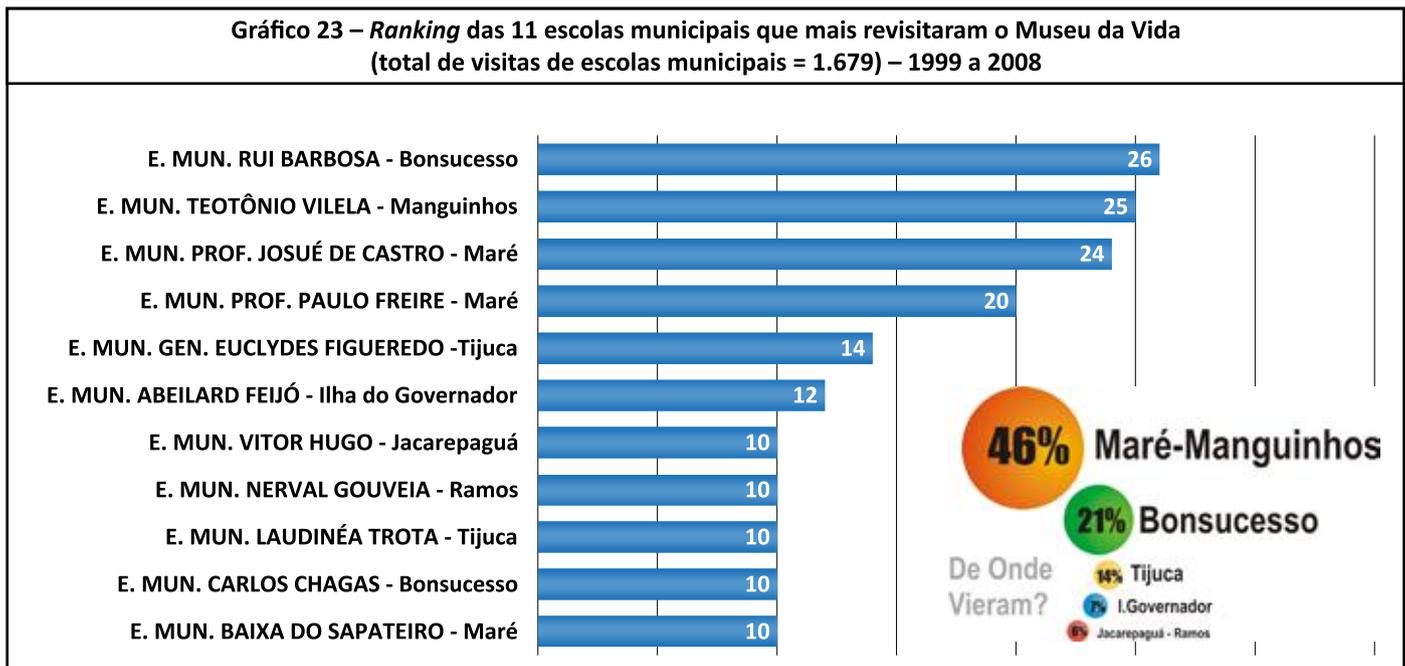
A Zona Sul foi representada pelos bairros de Botafogo,

Flamengo e Lagoa. Não chega a ser uma participação expressiva, se analisada do ponto de vista dos bairros de origem, mas uma das escolas – Escola Alemã Corcovado – mostrou a frequência de 26 visitas, dividindo a quarta posição do *ranking* com a Escola Municipal Rui Barbosa.

Restringindo o foco da análise para os subgrupos dos tipos de escolas – públicas municipais, públicas estaduais e particulares – encontramos os *rankings* ilustrados pelos Gráficos 23 a 25:

Escolas públicas municipais

O Gráfico 23 apresenta o *ranking* da rede municipal, com as onze escolas que mais repetiram visitas. O limite que fixou a extensão do *ranking* em 11 escolas foi o número de visitas, acima de 10.



O predomínio das escolas situadas na vizinhança da Fiocruz neste *ranking* é expressivo. Das onze escolas, seis se enquadram nessa condição. As três primeiras posições praticamente se equivalem, já que a diferença é de apenas uma visita. A Escola Municipal Rui Barbosa, de Bonsucesso, encabeça a lista, com 26 visitas, seguida da Escola Municipal Teotônio Vilela, com 25, e da Escola Municipal Prof. Josué de Castro, com 24.

Essas frequências de visitas colocam Maré-Manguinhos no topo dos bairros deste *ranking*, com mais que o dobro do segundo colocado, Bonsucesso, que obteve 21%. Como todas essas escolas fazem parte da vizinhança da Fiocruz, esses bairros perfazem a marca de 67% de participação relativa como origem das escolas que mais retornaram ao Museu da Vida.

Na perspectiva macrorregional, a Zona Oeste é representada apenas pela Escola Municipal Vitor Hugo, de Jacarepaguá, com dez revisitas. Nenhuma outra escola da região aparece, ficando todas as outras dez posições com escolas situadas na Zona Norte.

Escolas públicas estaduais

O Gráfico 24 apresenta o *ranking* da rede estadual, com as dez escolas que mais frequentaram o Museu da Vida. O limite que fixou a extensão do *ranking* em dez escolas foi o número de visitas, acima de nove.

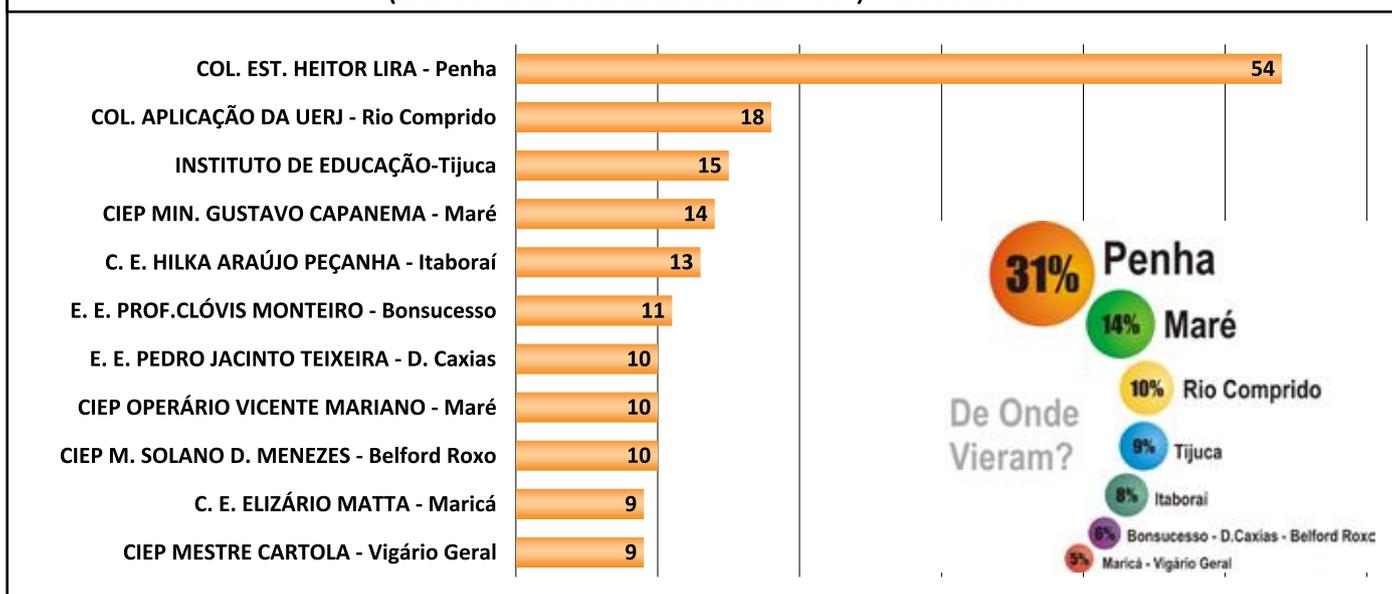
O campeão de revisitas, Colégio Estadual Heitor Lira (54), novamente se destaca com o triplo das visitas registradas pelo Colégio de Aplicação da Uerj (18), que aparece na segunda colocação. O Colégio Estadual Heitor Lira é uma escola que desde 1999 tem valorizado os trabalhos desenvolvidos pelo Museu da Vida, chegando a estabelecer parcerias em ações vinculadas à educação em ciência.

Este *ranking* das escolas estaduais apresenta, da segunda posição em diante, uma distribuição de frequências bastante compacta, decrescendo em cada nível uma unidade até a quinta posição, e apresentando empate em dez visitas na sétima, oitava e nona posições.

A Zona Norte aparece em sete das dez posições, das quais três são de escolas da vizinhança da Fiocruz – Ciep Ministro Gustavo Capanema, na Maré, Escola Estadual Prof. Clóvis Monteiro, em Bonsucesso, e Ciep Operário Vicente Mariano, na Maré. A Tijuca aparece representada por apenas uma escola (Instituto de Educação). A Zona Oeste não incluiu nenhuma escola no *ranking* das ‘dez mais’, enquanto a Baixada Fluminense compareceu em duas posições, uma com a Escola Estadual Pedro Jacinto Teixeira (Duque de Caxias) e outra com o Ciep Monsenhor Solano D. Menezes (Belford Roxo).

Destacamos o surgimento, neste *ranking*, de duas escolas estaduais localizadas em municípios fora da Região Metropolitana – Maricá e Itaboraí –, fato que ocorreu apenas neste subgrupo.

Gráfico 24 – Ranking das dez escolas estaduais que mais revisitaram o Museu da Vida (total de visitas de escolas estaduais = 977) – 1999 a 2008



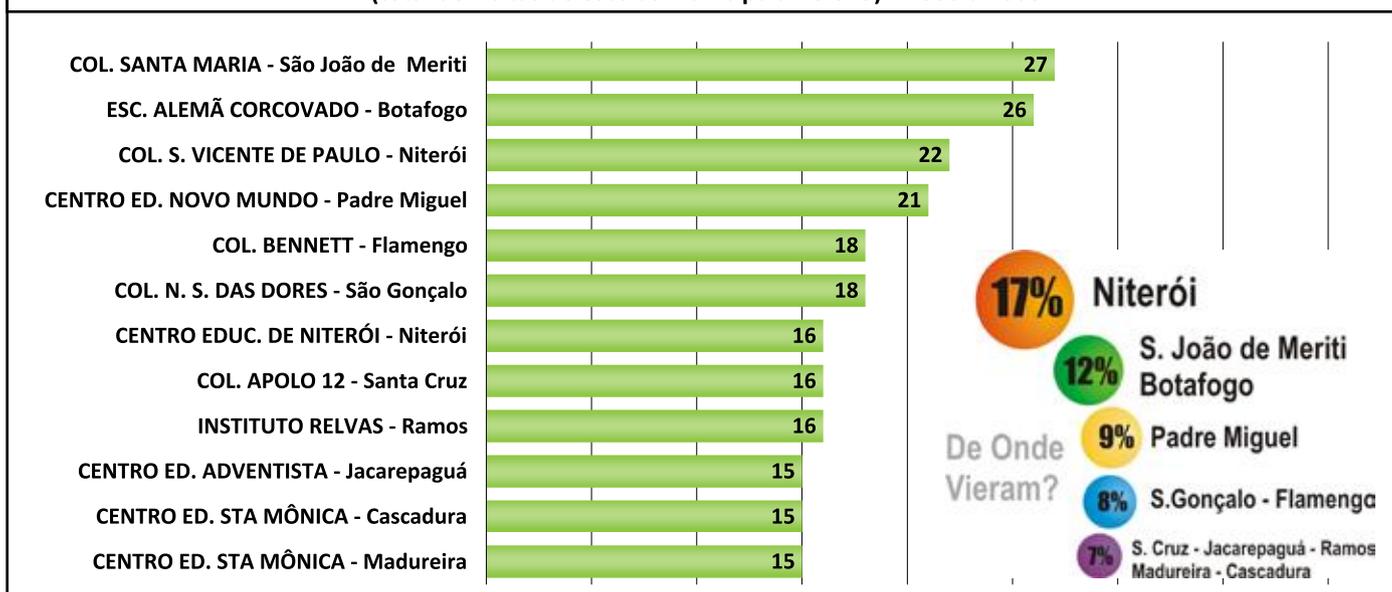
As participações relativas das escolas estaduais da vizinhança se tornam interessantes quando analisadas em conjunto, já que os bairros da Maré (14%) e de Bonsucesso (6%) alcançam 20%, o que representa a segunda colocação em relação à escala de bairros, atrás apenas do bairro da Penha (32%), este certamente influenciado pela maciça visitação do Colégio Estadual Heitor Lira.

Escolas particulares

O ranking da rede particular, apresentado no Gráfico 25, mostra as 12 escolas que mais repetiram visitas ao Museu da Vida. O limite que fixou a extensão do ranking em 12 escolas foi o número de visitas, acima de 15.

Surpreendentemente, uma escola da Baixada Fluminense é a que lidera o ranking de revisitas das escolas particulares. Esse dado relativiza a ideia de que as escolas particulares sejam um

Gráfico 25 – Ranking das 12 escolas particulares que mais revisitaram o Museu da Vida (total de visitas de escolas municipais = 3.349) – 1999 a 2008



sinônimo direto de maior poder aquisitivo ou de localização nas regiões de melhores indicadores socioeconômicos.

O Colégio Santa Maria, de São João de Meriti, encabeça a lista, com 27 visitas, seguido de perto pela Escola Alemã Corcovado, do bairro de Botafogo, na Zona Sul, com 26 visitas.

Neste *ranking* não aparece nenhuma escola da região vizinha à Fiocruz. Se considerarmos o seu entorno, apenas uma escola é citada – o Instituto Relvas, em Ramos, na nona posição, com 16 visitas.

Em relação à escala de localidades representadas no *ranking* das escolas particulares, Niterói se destaca com 17%, com as participações do Colégio São Vicente de Paulo (22 visitas) e do Centro Educacional de Niterói (16 visitas). Da Zona Sul apenas os bairros de Botafogo e Flamengo aparecem, com a Escola Alemã Corcovado (26 visitas) e o Colégio Bennett (18 visitas), respectivamente.

O reverso da medalha: escolas da vizinhança que menos visitaram o Museu da Vida

Procuramos identificar as escolas que fizeram poucas visitas ao Museu da Vida, buscando estabelecer o contraponto das informações demonstradas até agora neste grupo específico, identificado como importante. Optamos por focalizar apenas a região de vizinhança do *campus* da Fiocruz, considerando os bairros da Maré, Mangueiras e Bonsucesso em função de essa área representar interesse particular, marcado pelo compromisso social que sempre fez parte dos objetivos do Museu da Vida.

Outro aspecto que indica a importância da análise dessa região em particular é a sua presença constante e significativa, já demonstrada neste estudo. A pergunta que fica diante desse conjunto de dados é: “por que não houve regresso (revisita) de algumas escolas localizadas nas proximidades do *campus* da Fiocruz?”

Tabela 6.1 – As escolas da vizinhança que visitaram o Museu da Vida apenas uma vez (1999 a 2008)

ESCOLA	BAIRRO	TIPO DE ESCOLA
CENTRO EDUCACIONAL SEMEANDO	BONSUCESSO	Particular
COL. VERDE QUE TE QUERO VERDE	MARÉ	Particular
CRECHE MUNICIPAL NOVA HOLANDA	MARÉ	Municipal
CRECHE ESCOLA COLORIR	BONSUCESSO	Particular
CRECHE MUNICIPAL VILA PINHEIRO	MARÉ	Municipal
ESCOLA DARKE MATTOS	BONSUCESSO	Particular
ESCOLA NOSSA SENHORA DE BONSUCESSO	BONSUCESSO	Particular
SOCIEDADE EDUCACIONAL SILVA E SOUZA	BONSUCESSO	Particular
ETFs ENFERMEIRA ISABEL SANTOS	BONSUCESSO	Estadual
JARDIM ESCOLA NATUREZA ENCANTADA	BONSUCESSO	Particular
JARDIM ESCOLA SININHO	BONSUCESSO	Municipal
SOC. UNIV. AUGUSTO MOTA - SUAM	BONSUCESSO	Particular

Tabela 6.2 – As escolas da vizinhança que visitaram o Museu da Vida duas vezes (1999 a 2008)

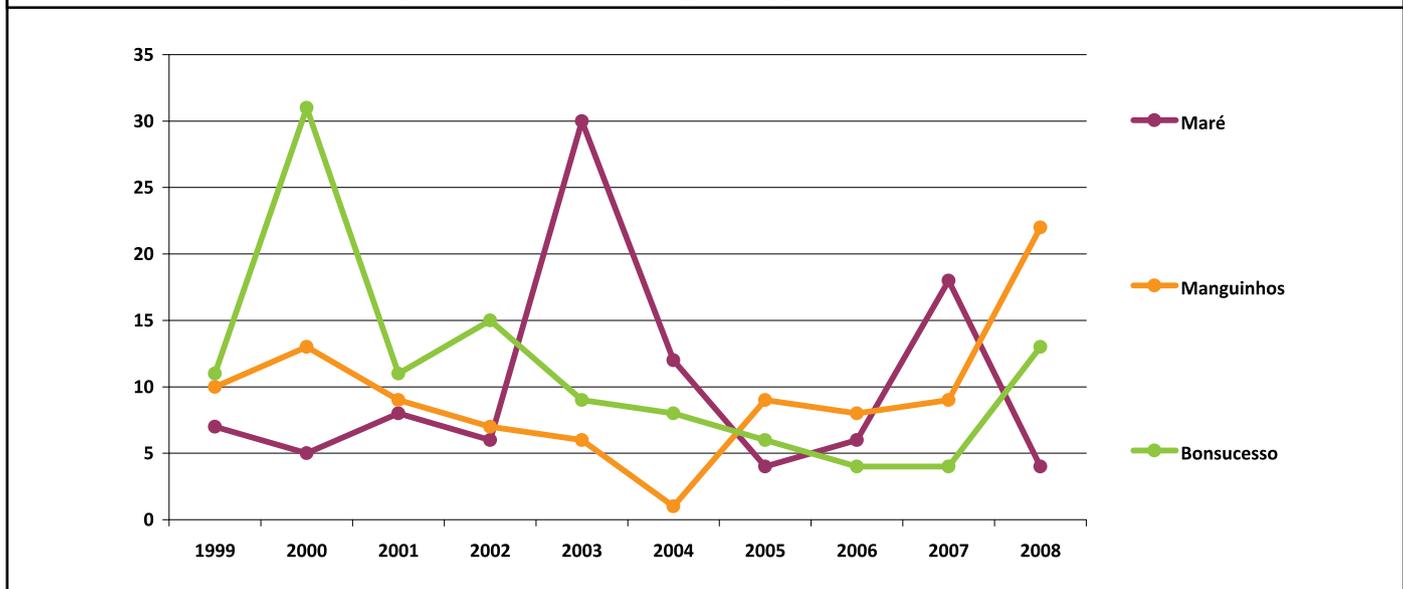
VISITARAM APENAS DUAS VEZES	BAIRRO	TIPO DE ESCOLA
CIEP HÉLIO SMIDT	MARÉ	Estadual
COLÉGIO ESTADUAL OLGA BENÁRIO PRESTES	BONSUCESSO	Estadual
COLÉGIO LUSO CARIOCA	BONSUCESSO	Particular
ESCOLA MUNICIPAL ALBINO DE SOUZA CRUZ	MANGUEIRAS	Municipal
ESCOLA MUNICIPAL BAHIA	BONSUCESSO	Municipal
JARDIM ESCOLA CORES E FORMAS	BONSUCESSO	Particular
SENAC-BONSUCESSO	BONSUCESSO	Particular

Vizinhança: dez anos de convivência

De 1999 a 2008, como vimos nos Gráficos 4 e 6, a Zona Norte apresentou os maiores indicadores de visitação escolar ao Museu da Vida. É parte importante deste estudo a análise específica da vizinhança ao *campus* da

Fiocruz, notadamente os bairros da Maré, Manguinhos e Bonsucesso. Sempre que possível, procuramos oferecer nos comentários alguma referência a essa região, demonstrando seu comportamento.

Gráfico 26 – Evolução do número absoluto de visitas das escolas da vizinhança da Fiocruz (Bonsucesso, Maré e Manguinhos) por ano – 1999-2008



Observa-se que no primeiro ano houve leve predominância de Bonsucesso em relação a Manguinhos e Maré, embora a pequena diferença encontrada possa ser considerada quase como uma equivalência entre os três bairros. Em 2000, o bairro da Maré mostrou significativa retração, e a visitação de Manguinhos também diminuiu, enquanto a de Bonsucesso aumentou em cerca de três vezes sua participação relativa.

Após uma redução importante em 2001, Bonsucesso passou a apresentar ritmo decrescente, um pouco oscilante de 2002 até 2007, até mostrar recuperação em 2008, quando alcançou um patamar próximo ao de 1999. Os anos de 2007 e 2008, que coincidem com o desenvolvimento do projeto “Tecendo Redes” (Vasconcellos, 2008)¹⁰, mostraram boas marcas, tendo como exceção o bairro da Maré em 2008, que, justamente num período favorável para os outros dois bairros, apresentou o menor volume de visitação do período considerado. É uma variação negativa

importante, que pode estar relacionada com o clima de violência da região, na ocasião. Este é, por sinal, um fator que demanda estudo específico, tanto pela situação da vizinhança e do entorno – uma vez que pode dificultar a saída das escolas –, como, também, pela sua influência na sensação de insegurança do restante da cidade e do estado, repercutida pela mídia. Como contraponto, o projeto “Tecendo Redes” busca demonstrar que ações do Museu da Vida direcionadas às comunidades vizinhas são capazes de aumentar significativamente o volume de visitação escolar e, assim, contribuir no cumprimento do papel social da instituição.

O Gráfico 26 mostra, ainda, que embora façam parte da microrregião da vizinhança da Fiocruz, os três bairros demonstraram comportamentos diferentes entre si ao longo dos anos. Entre os três, o que chama mais atenção é o bairro da Maré, que apresentou comportamento contrário ao dos outros dois na maioria dos anos. As exceções ocorreram

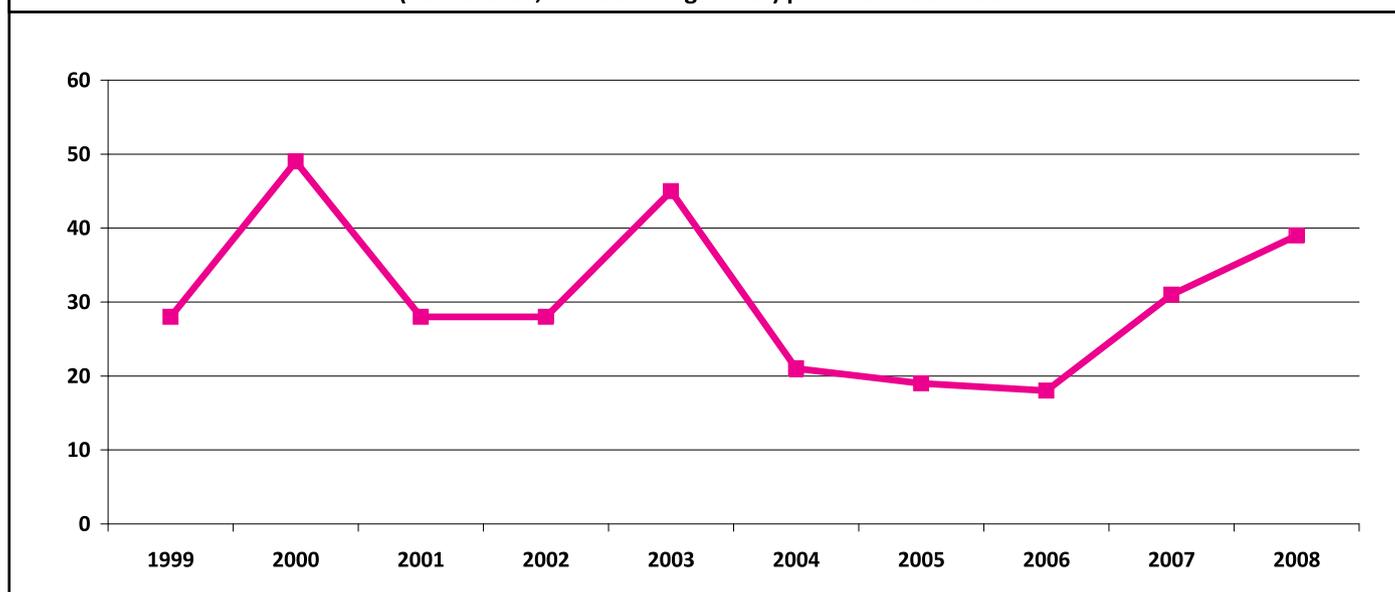
¹⁰ “Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável é uma ação que acontece na colaboração entre museus e instituições de pesquisa do Rio de Janeiro que trabalham para promover a popularização da ciência por meio de seus museus: o Museu da Vida/Fiocruz, o Museu de Astronomia e Ciências Afins e o Núcleo de Educação Ambiental do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Os objetivos são: promover uma educação científica ‘emancipatória’ (Freire, 1978) e subsidiar políticas públicas voltadas para a ampliação de relações interinstituições, contribuindo para promover a melhoria da qualidade de vida das comunidades de regiões onde estão inseridas” (Bonatto, 2009).

nos anos de 2002 (decreceu como Manguinhos), 2004 (decreceu como os outros dois bairros), 2005 (decreceu como Bonsucesso) e 2007 (subiu como Manguinhos). O ano de 2004 foi especialmente marcante, pois registrou quedas acentuadas de todos os bairros, as mais intensas na Maré e em Manguinhos, tendo se aproximado de zero neste último.

Agrupados os dados dos bairros da vizinhança (Maré + Manguinhos + Bonsucesso), é possível ter maior

compreensão do movimento dos volumes de visitas escolares dessa região. É interessante notar o desenho formado no Gráfico 27, onde se percebe certa regularidade nos picos e vales, pois 2007-2008 foi o único período em que se verificou a repetição do mesmo movimento de ascensão. Também se observa que os movimentos se repetiram, mas sempre com um processo de retomada que não chegava a alcançar os melhores resultados dos momentos anteriores, e assim se consolida a tendência geral de baixa.

Gráfico 27 – Evolução do número absoluto de visitas das escolas da vizinhança da Fiocruz (Bonsucesso, Maré e Manguinhos) por ano – 1999-2008



As campeãs de visitação

Diferentes escolas se revezaram no topo da lista de volume de visitação escolar ao Museu da Vida em cada ano da série histórica. São destaques:

- Escolas da vizinhança, que apareceram três vezes, nos anos de 1999, 2003 e 2007. Destas, a Escola Municipal Professor Paulo Freire foi a que registrou o maior número de visitas em um mesmo ano, com o total de 13 presenças. O segundo maior número de visitas anual também pertence a uma escola da vizinhança – a Escola Municipal Professor Josué de Castro visitou o Museu da Vida 12 vezes em 2003. Também foi dessa região a terceira colocação, pois a Escola Municipal Teot nio Vilela realizou 11 visitas em 1999, mesmo número do Colégio São Fabiano, que pertence à rede privada e se localiza na Penha Circular, Zona Norte.
- O Colégio Estadual Heitor Lira, que na soma dos anos analisados apresentou o maior volume global de visitas escolares, aparece na liderança em dois anos: 2000 e 2006.
- Quatorze diferentes escolas foram relacionadas na

Tabela 7, das quais a maior parte (oito) são particulares. As escolas municipais foram quatro, e as estaduais, duas. Das 14 escolas, seis pertencem a bairros do entorno da Fiocruz: Maré (duas), Manguinhos, Ramos, Penha e Penha Circular (uma em cada).

- Das 14 diferentes escolas apresentadas, apenas duas foram citadas em mais de um ano: o Colégio Estadual Heitor Lira (1999 e 2006) e o Colégio Santa Maria (2005 e 2008).
- Sob o ponto de vista das localidades, a distribu o não mostrou nenhuma grande concentração. Das 11 diferentes localidades da Tabela 7 as que mais foram citadas não constaram mais do que duas vezes. São elas: Penha, Niterói, Maré, São João de Meriti e Tijuca. As outras seis foram listadas uma única vez.
- Quanto às macrorregiões, houve grande concentração na Zona Norte, com 11 citações. Na sequência, com grande diferença, aparece a Baixada Fluminense (três) e logo depois Outros Municípios do Grande Rio, com duas. Como a Baixada Fluminense e os Outros Municípios do Grande Rio configuram a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, é interessante notar que todas as escolas

que apareceram no topo das listas anuais das mais visitantes se localizam em apenas duas áreas: a Zona Norte e a Região Metropolitana. Esses dados reforçam

o fato de que, em geral, as escolas dessas regiões foram as que mais frequentaram o Museu da Vida em seus dez anos de atendimento ao público.

Tabela 7 – Escolas que mais visitaram o Museu da Vida em cada ano – 1999 a 2008

Ano	Escola	Quantidade de visitas no ano	Tipo da escola	Origem da escola	
				Localidade	Macrorregião
1999	ESC. MUN. TEOTÔNIO VILELA	11	Municipal	Manguinhos	Zona Norte
	COL. SÃO FABIANO		Particular	Penha Circular	Zona Norte
2000	COL. EST. HEITOR LIRA	10	Estadual	Penha	Zona Norte
	CIEP MESTRE CARTOLA		Municipal	Vigário Geral	Zona Norte
2001	CENTRO EDUC. DE NITERÓI	10	Particular	Niterói	Outras Gde. Rio
	INSTITUTO RELVAS		Particular	Ramos	Zona Norte
2002	ESC. EST. PEDRO JACINTO TEIXEIRA	10	Estadual	Duque de Caxias	Baixada Fluminense
2003	ESC. MUN. PROF. JOSUÉ DE CASTRO	12	Municipal	Maré	Zona Norte
2004	COL. MOPI	8	Particular	Tijuca	Zona Norte
2005	COL. SANTA MARIA	9	Particular	S. João de Meriti	Baixada Fluminense
2006	COL. EST. HEITOR LIRA	6	Estadual	Penha	Zona Norte
	COL. BATISTA CHEPARD		Particular	Tijuca	Zona Norte
	COL. MARIA RAYTHE		Particular	Tijuca	Zona Norte
	COL. S. VICENTE DE PAULO		Particular	Niterói	Outras Gde. Rio
2007	ESC. MUN. PROF. PAULO FREIRE	13	Municipal	Maré	Zona Norte
2008	COL. SANTA MARIA	9	Particular	S. João de Meriti	Baixada Fluminense

Parte V

A Relação Escolas Visitantes / Total de Escolas

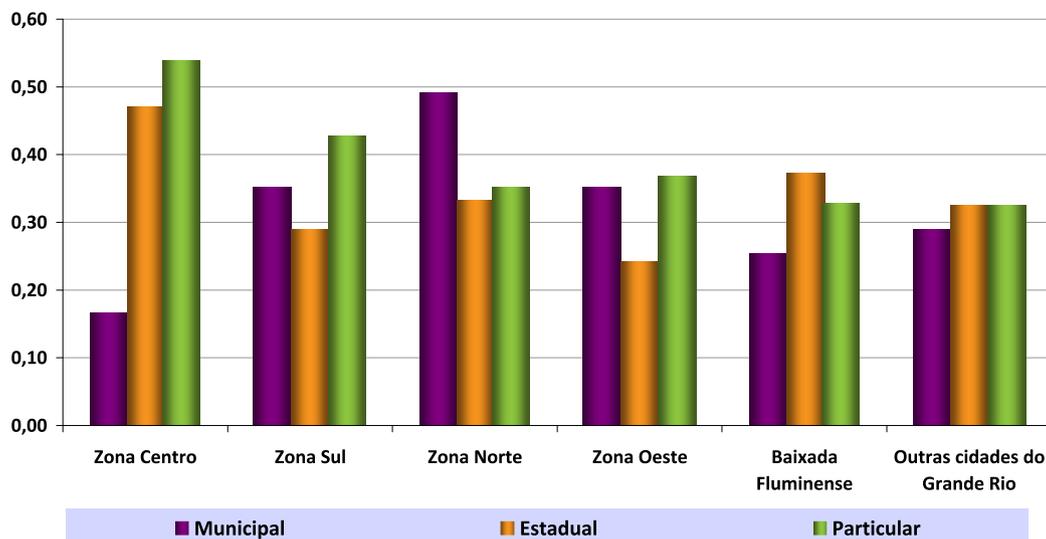
Para dar visibilidade ao conjunto de escolas que nunca visitaram o Museu da Vida – o público potencial – e sua distribuição geográfica no município, trabalhamos com um indicador que demonstra o número relativo entre a quantidade de escolas de determinado local que visitaram o Museu, em relação ao universo de escolas existentes no mesmo local, de acordo com os tipos. De forma simplificada, vamos chamar essas relações de RVE (Relação Visitantes/Escolas). O detalhamento da concepção da RVE e as limitações associadas ao modelo estão no capítulo dedicado à Metodologia.

O estudo da RVE analisou apenas a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tendo em vista que ela reúne as macrorregiões com maior quantidade global de visitação ao Museu da Vida. Vale lembrar, também, como já explicado anteriormente, que as escolas federais não se acham

representadas em vista do baixo peso relativo na visitação ao Museu da Vida.

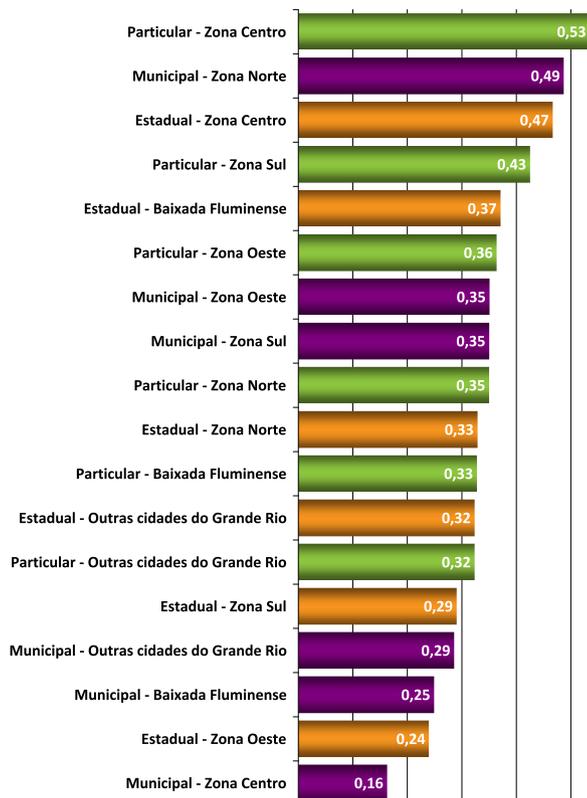
O Gráfico 28 apresenta uma visão geral das RVEs de acordo com os tipos de escolas de cada macrorregião considerada. A maior RVE registrada (0,53) refere-se às escolas particulares da Zona Centro, com pequena vantagem em relação às escolas municipais da Zona Norte, que aparecem em segundo lugar, com 0,49. O indicador 0,53 significa que 53% das escolas particulares que existem na Zona Centro visitaram o Museu da Vida pelo menos uma vez, nos últimos dez anos. Praticamente empatadas com a segunda maior RVE estão as escolas municipais da Zona Norte e as estaduais da Zona Centro. O excelente desempenho da Zona Centro pode se explicar pela existência de poucas escolas nessa área.

Gráfico 28 – RVEs segundo os tipos de escolas e regiões, na visitação ao Museu da Vida – 1999 a 2008



O Gráfico 29 mostra essas mesmas informações organizadas sob a forma de *ranking*, de modo a enfatizar, em ordem decrescente, as RVEs dos tipos de escolas por macrorregiões.

Gráfico 29 – Ranking das RVEs segundo os tipos de escolas e macrorregiões – 1999 a 2008



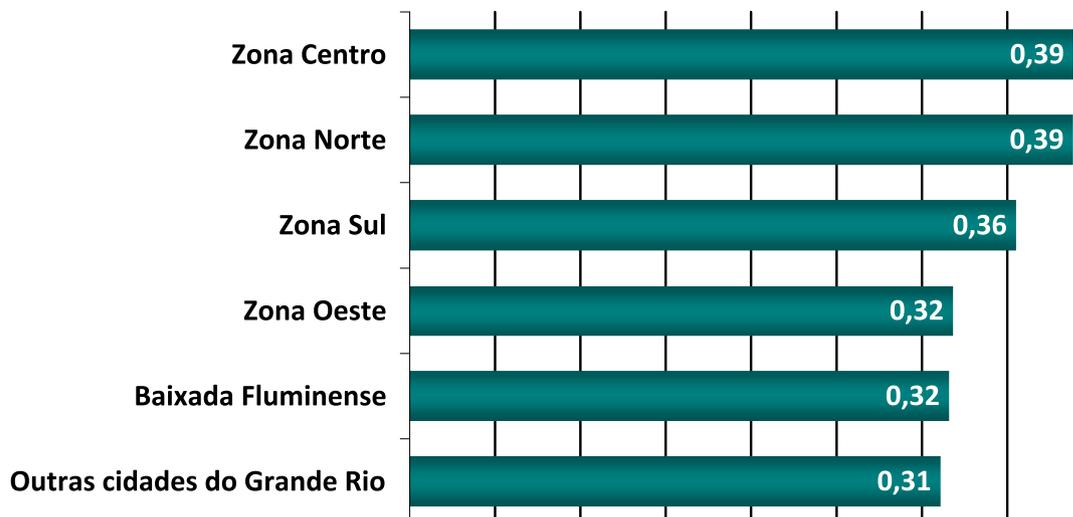
O Gráfico 30 apresenta as RVEs levando em consideração apenas as regiões e englobando todos os tipos de escolas. Nesse gráfico surge um aspecto interessante: todas as regiões aparecem com valores muito próximos, oscilando entre 0,31 e 0,39. Isto significa que, do ponto de vista de regiões, o Museu da Vida mostra um equilíbrio na intensidade com que atraiu as visitas escolares.

A peculiaridade dessa informação se acentua quando a consideramos em conjunto com as frequências de visitas escolares das regiões em valores absolutos (ver Gráfico 4). Tomando como exemplo a Zona Sul comparada com a Zona Norte, a primeira apresentou desempenhos muito inferiores em termos de volume global, mas esse dado pode ser relativizado pela RVE, tendo em vista a menor quantidade de escolas dessa zona. Em outras palavras, mesmo a quantidade global de visitas tendo sido inferior na Zona Sul, a penetração da imagem do Museu da Vida ocorreu de modo semelhante nas duas zonas.

Tendo em vista que a amplitude da RVE é de 0 a 1, percebemos que o maior valor registrado não chegou à metade, o que significa que resta ainda um campo bastante largo de prospecção para o Museu da Vida.

O Gráfico 31 apresenta as RVEs levando em consideração apenas os tipos de escolas, independentemente das localidades em que se situam, no âmbito da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Observamos a predominância do grupo das escolas públicas estaduais, com vantagens pequenas sobre as escolas públicas municipais e as escolas particulares, nesta ordem.

Gráfico 30 – RVEs segundo as regiões (todos os tipos de escolas) – 1999 a 2008



Embora entre os diferentes tipos de dependência administrativa as escolas estaduais sejam aquelas que apresentaram a menor frequência de visitas escolares ao Museu da Vida nos últimos dez anos, a RVE correspondente foi a mais expressiva. Podemos perceber, ainda, que embora as escolas particulares tenham o maior volume de visitas escolares, é natural que assim seja por causa do volume expressivamente maior de escolas privadas existentes no Grande Rio, na comparação com os demais tipos. Mesmo com a maior visitação, a RVE se posicionou como a menor

entre os três tipos de escolas (0,26), quase igualada com a das escolas públicas municipais, que tiveram RVE de 0,28.

É positivo que as duas maiores RVEs tenham sido alcançadas pelas escolas públicas, mas, com alguma flexibilidade na comparação podemos aceitar que, numa escala entre 0 e 1, as RVEs mostradas pelos três tipos de escolas quase se equivalem. Sob esse aspecto, o Museu da Vida tem conseguido atrair de modo semelhante todos os tipos de escolas.

Gráfico 31 – RVEs segundo os tipos de escolas (todas as localidades da Região Metropolitana) 1999 a 2008

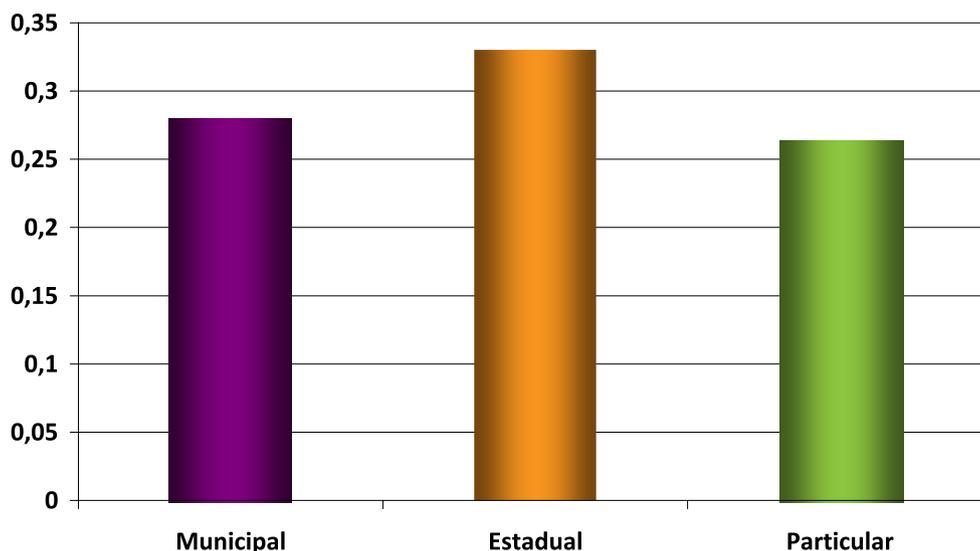


Gráfico 32 – RVEs de acordo com as macrorregiões, separados por tipos de escolas



No Gráfico 30 vemos que a maior RVE das escolas municipais ocorreu na Zona Norte, com 0,49, seguida das zonas Oeste e Sul, empatadas com 0,35. Para as escolas estaduais a maior RVE ocorreu na Zona Centro, com 0,47, seguida pela Baixada Fluminense, com 0,37. Curiosamente, as mais baixas RVEs foram contabilizadas nos grupos das escolas públicas, com 0,24 para as escolas estaduais da Zona Oeste e 0,16 para as escolas municipais da Zona Centro.

Como a RVE está relacionada ao nível de atração ou captação de visitas das regiões, fica no ar a indagação: “A atração existe em função dos hábitos culturais das regiões ou resulta das práticas de divulgação do Museu da Vida? Ou ambos os fatores coexistem?”.

Nesse sentido, é interessante perceber que as RVEs apresentadas pelas escolas particulares se mostraram mais elevadas e homogêneas do que as RVEs das escolas públicas. Em certo sentido, esse dado pode refletir a maior acessibilidade daquelas aos bens culturais de modo geral.

Seguindo uma perspectiva adotada ao longo de toda esta publicação, pretendemos com essa medida das RVEs pontuar novos elementos de interesse que possam ser aprofundados em futuras pesquisas, ainda com base nesse conjunto de dados estruturados pelo Nepam sobre a visita ao Museu da Vida ao longo destes seus dez primeiros anos.

Finalizando

Com esta edição dos “Cadernos Museu da Vida” o Nepam buscou apresentar uma visão geral sobre a distribuição das visitas escolares em função das regiões geográficas de origem das escolas que frequentaram o Museu da Vida em seus dez primeiros anos de atendimento ao público. A pergunta que serviu de fundo para este trabalho foi: “De onde vieram (e em que proporção) as escolas que visitaram o Museu da Vida?”. Os resultados obtidos e apresentados permitem ver um mapa com diferentes relevos, que ajuda a questionar se a apropriação do Museu da Vida pelas escolas se deu na geografia que se imaginava.

A atualização dos dados do “Cadernos 1” até o ano de 2008 contabiliza a visitação de 2,02 milhões de pessoas em todas as nossas atividades presenciais (intra e extramuros). Das visitas realizadas entre 1999 e 2008 ao Circuito de Visitação no *campus* da Fiocruz, 86% foram escolas, com maior frequência de estudantes na faixa entre 10 e 15 anos (57%).

A base de dados, atualizada e depurada, totalizou 6.144 instituições escolares visitantes, 55% das quais referentes a escolas particulares e 45% a instituições públicas. Destas, 27% foram escolas municipais, 16% estaduais e 2% federais. A distribuição desses índices mostrou um comportamento regular através dos anos, embora sob grande variação da quantidade de visitação ao longo do período. O maior número ocorreu no ano 2000, quando se registraram 890 visitas escolares, e o mais baixo se deu em 2004, com 451 visitas. Nessa ocasião, entretanto, o Museu da Vida passou por uma série de reformas que diminuíram sua capacidade de atendimento. No período de 2005 a 2008, o Museu atendeu entre 506 e 558 instituições por ano, demonstrando uma queda significativa no seu atendimento ao público escolar, se comparado a seu período inicial. Os fatores, tanto externos quanto internos, que influenciaram esse decréscimo no atendimento são um dos primeiros pontos que apontamos como mercedores de estudo específico, que trace um mapa do conjunto de influências que ocasionaram essa queda.

A análise da visitação ao Museu da Vida relacionada à localização geográfica das escolas visitantes aponta a supremacia da Zona Norte sobre as demais ao longo de todos os anos pesquisados. Mesmo quando relacionamos as escolas visitantes com o conjunto mais amplo de escolas existentes na Zona Norte, através da RVE, vemos que 39% das instituições de ensino ali localizadas já visitaram o Museu da Vida.

A Zona Centro apresentou baixos números absolutos de

visitas, o que em certo sentido seria previsível já que essa é uma região da cidade com poucas instituições de ensino se comparada às demais. A análise da Relação Escolas Visitantes/Escolas Existentes (RVE), no entanto, mostra que, dentre as poucas escolas existentes, uma alta proporção (39%) já visitou o Museu da Vida. Embora esse percentual seja o mesmo encontrado para a Zona Norte, demos maior ênfase àquele por se tratar de um conjunto muito maior de instituições de ensino, o que torna o dado mais expressivo.

Em relação à Zona Sul, chama atenção o baixo número absoluto de visitas escolares realizadas ao longo do período pesquisado. Em linhas gerais houve uma queda acentuada de visitação após os dois primeiros anos de funcionamento do Museu, com recuperação entre 2005 e 2007, porém sem retornar aos patamares anteriores, e, em 2008, houve nova queda, desta vez atingindo o seu menor nível histórico. Considerando, entretanto, a RVE da Zona Sul, 43% das escolas particulares, 35% das municipais e 29% das estaduais já estiveram no Museu da Vida. Essa relação pode ter sofrido influência de diversos fatores, tanto da distância do Museu em relação à escola como da violência na região de Manguinhos, como, também, do fato de a Zona Sul possuir maior número de aparelhos culturais disponíveis. É interessante observar que apesar da baixa frequência da Zona Sul, o quarto lugar no *ranking* das escolas que mais revisitaram o Museu da Vida foi alcançado por uma escola dessa região (Escola Alemã Corcovado, em Botafogo). Isso mostra que, a despeito dos fatores que dificultam a visita, é possível que o interesse pelas atividades do Museu da Vida seja capaz de superá-los e atrair mesmo as escolas mais tradicionais.

A análise específica da frequência de escolas vizinhas da Fiocruz mostrou uma importante participação dessa região, o que reflete uma proximidade com as intenções iniciais do projeto do Museu da Vida. No quadro geral das visitas de escolas da Zona Norte, Bonsucesso contribuiu com 5,1% das visitas da região, Manguinhos com 4,3% e Maré com 4,6%, representando, no total, 14% das 2.125 visitas escolares da região.

A visitação das escolas da vizinhança teve uma evolução expressiva a partir de 2006, época em que também se iniciou o projeto “Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável”, realizado pelo Serviço de Educação do Museu da Vida (Seducs). A possibilidade de haver relação entre os fatos indica outro estudo interessante.

Estas e outras análises podem auxiliar aproximações com o

público escolar, entre as quais a definição de nossos diversos públicos. A análise proposta buscou fundamentalmente construir um olhar mais próximo sobre o público escolar. Se pudéssemos sintetizar as informações descritas anteriormente na tentativa de criar um perfil de escola que representasse o padrão geral de visitas escolares ao Museu da Vida no decorrer de sua história, ela seria “uma instituição particular, originária da Zona Norte, em algum lugar dos bairros da Tijuca ou da Ilha do Governador”.

Sob um foco mais direcionado, o perfil de uma escola não-particular que melhor representa o padrão das visitas escolares seria o de “uma escola pública municipal, localizada também na Zona Norte, em algum ponto da vizinhança da Fiocruz, formada pelos bairros da Maré, Mangueiras e Bonsucesso”.

Ao final deste estudo, novos questionamentos se desdobram, convidando a outras reflexões. Questões como:

- A distância entre as escolas e o Museu influi na decisão de visita?
- A distância tem a mesma influência em escolas públicas e privadas?
- A oferta (ou a falta) de equipamentos em determinada região ajuda a acentuar o investimento no deslocamento para o visitante escolar?
- Qual a margem de ação do Museu da Vida para aumentar o número de visitas de seu público potencial mais expressivo – as escolas da Zona Norte e da Baixada Fluminense –, em especial os trabalhos que podem ser implementados junto às escolas da vizinhança do *campus* da Fiocruz?
- É importante ou possível diversificar e ampliar o contato mais qualificado e permanente com as escolas mais próximas?

- Iniciativas como essas podem estar relacionadas com a maior frequência de escolas?
- Em que medida as regiões menos sensíveis à visita ao Museu da Vida, como a Zona Sul, são influenciadas pela oferta concentrada de opções culturais mais próximas?
- O sentimento de insegurança, derivado da violência urbana em associação com a região onde se situa o Museu da Vida, pode constituir um problema que interfere na visita?

Este estudo representa uma base inicial para diversos outros, que deverão ser desenvolvidos em sequência, investigando a visita ao Museu da Vida, seja por análises qualitativas ou pelo refinamento de algum outro aspecto de caráter quantitativo agora apenas apontado, como a questão das faltas e dos cancelamentos das visitas agendadas.

É preciso lembrar que, como indicamos no início, os dados aqui expostos representam apenas *um* olhar, dentre muitas outras interpretações que ainda podem ser realizadas. Nossa contribuição buscou levantar novas questões que nos ajudem a compreender cada vez mais quem é o nosso público, quais os seus desejos e necessidades.

Na prática, este estudo trata, fundamentalmente, de historiar a singularidade de um processo, apresentando uma primeira reflexão, que descortina novos e diferentes cenários. Reafirmamos, neste segundo “Cadernos”, a intenção – já evidenciada no primeiro número – de estabelecer um canal de discussão permanentemente aberto aos questionamentos e às sugestões dos leitores, de modo a estimular o diálogo, fomentar discussões sobre seus dados e contribuir para ampliar a compreensão das características do público formado pelas escolas visitantes do Museu da Vida e do nosso papel em relação ao público visitante.

Comentários e sugestões sobre esta edição podem ser enviados para nepam@fiocruz.br

Bibliografia Consultada

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informação e documentação – citações em documentos – apresentação de citações em documentos: NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.

ALVES, José Cláudio Souza. *Baixada Fluminense: a violência na construção do poder*. 202 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BARATA, Luiz C.; RODRIGUES, Carla; FARIA, José Renato. *Rio além do Rio*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Rio de Janeiro; São Paulo: Metalivros, 2008.

BONATTO, Maria Paula de Oliveira. Trabalho final para a disciplina “Leituras e interpretações sobre o Brasil contemporâneo”. (Doutorado em Saúde Pública, Turma de 2008). Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009.

CAZELLI, Sibebe. Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações? 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2005.

DAMICO, José Sergio. Uma nova relação estrutural para a sustentabilidade do Museu da Vida, 2004 186 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Ciência, Tecnologia e Saúde – Escola Nacional de Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

DAMICO, José Sergio; STUDART, Denise Coelho. *Estatísticas de visitação, 1999 a 2007*. Cadernos Museu da Vida, n.1. Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida. ISBN 9788585239459. Rio de Janeiro, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009, segundo os municípios. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf. 2009; último acesso em: 7 out. 2009.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. DataEscola Brasil 2009. Ministério da Educação. Disponível em: www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/home.seam; último acesso em: 7 out. 2009.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; CAZELLI, Sibebe; LIMA, José Matias. *Museus e seus visitantes: relatório da pesquisa Perfil-Opinião 2005*. ISBN 9788585239442. Brasília: Gráfica e Editoria Brasil, 2008.

LISTA DE BAIRROS do Rio de Janeiro. In: WIKIPÉDIA, 2009. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_bairros_do_Rio_de_Janeiro; acesso em: 7 out. 2009.

LIVRO AZUL. Espaço Museu da Vida: museu de ciência e tecnologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 1994. (Biblioteca do Museu da Vida).

MANSUR, André Luis. *O Velho Oeste Carioca: história da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba)*. Do século XV ao XXI. ISBN: 9788578230142 2008. Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2008.

MARANDINO, M.; ALMEIDA, A. M.; VALENTE, M. E. (Org.). *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

MEES, Luiz Alexandre L. Potencialidades turísticas da região da Leopoldina. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, n.23, fev. 2007. Disponível em: apl.unisiam.edu.br/augustus/artigo_imprimir.php?ed=23&art=28; acesso em: 16 jun. 2009.

MIRONER, L. *Cent musées à la rencontre du public*. Paris: Observatoire Permanent des Publics, 2003.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro – página de acesso aos planos estratégicos das regiões da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=4&n2=6&rn0=12&rn1=1; último acesso em: 7 out. 2009.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO; INSTITUTO PEREIRA PASSOS. Armazém de Dados – Bairros Cariocas. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm; último acesso em: 7 out. 2009.

REUNIÃO DAS EQUIPES DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO MUSEU DA VIDA, 1. Residência Oficial no *campus* da Fiocruz. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 1995. (Biblioteca do Museu da Vida, Transcrição).

SEMINÁRIO DO MUSEU DA VIDA, 1. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 1996. (Disponível na Biblioteca do Museu da Vida, Transcrição).

SPIEGEL, Murray R. *Estatística*. 3.ed. São Paulo: Makron Books, 1993.

TORRES, Gênesis. *A Baixada e a produção cultural*. São João de Meriti (RJ): Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB), 2009a. Disponível em: www.ipahb.com.br/cultura.php; último acesso em: 9 out. 2009.

TORRES, Gênesis. *A cultura do poder*. São João de Meriti (RJ): Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB), 2009b. Disponível em: www.ipahb.com.br/cultura.php; acesso em: 9 out. 2009.

VASCONCELLOS, Maria das Mercês Navarro. *Educação ambiental na colaboração entre museus e escolas: limites, tensionamentos e possibilidades para a realização de um projeto político pedagógico emancipatório*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008.

VIEIRA, Andréa Lopes da Costa. Considerações iniciais para uma agenda de investigação sobre a Zona Oeste. *Novo Enfoque Revista Eletrônica*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, jun. 2004. ISSN 1808-3501. Disponível em: sisweb.castelobranco.br/pesquisa/vol1/?link=investigacao.php&tipo=revista; último acesso em: 7 out. 2009.

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ | Casa de Oswaldo Cruz - COC | Museu da Vida
Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus - Nepam
Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro RJ CEP 21045-900
Tel: 55 (21) 3865-2121 | Fax: 55 (21) 3865-2170
www.museudavida.fiocruz.br



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Casa de Oswaldo Cruz



Museu da Vida

ISBN 978-85-85239-58-9



9 788585 239589